

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



ANO IX - Nº 15
PIRACICABA - 2017



REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano IX – nº. 15
Piracicaba – Novembro de 2017

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: joonassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Aracy Duarte Ferrari

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Ivana Maria França de Negri

Myria Machado Botelho

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Composição do mosaico com fotos dos acadêmicos

Antonio Carlos Fusatto, Ivana Maria França de Negri e Leda Coletti

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:

Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:

Audáxia Agência Gráfica (19) 3927-3974

audaxia.adx@gmail.com

*As opiniões expressas, assim como a revisão de texto,
nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.*

ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>À Noiva da Colina / Garça Branca (Do bairro Tanquã- Piracicaba) / A paineira do Bairro Chicó / Jardim Colonial (antigo bairro rural Água Branca-Piracicaba)</i>	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Reminiscências de Piracicaba / Minha Princesa / Natal</i>	13
Aracy Duarte Ferrari – <i>Passagens / Praça José Bonifácio / Travessia Costa Fascinosa</i>	19
Armando Alexandre dos Santos – <i>Samuel Pfromm Netto, um piracicabano ilustre / Internet e tecnologias digitais: o perigo do emburrecimento</i>	25
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Piraciteste</i>	35
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Alguém mais no lugar que o peixe para</i>	41
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>Instituto de Educação Sud Mennucci</i>	43
Edson Rontani Júnior – <i>Sacra arte</i>	45
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Rio Piracicaba</i>	51
Esio Antonio Pezzato – <i>Canto V – Agricultura</i>	53
Felisbino de Almeida Leme – <i>Piracicaba canta em prece / XV nós o amamos</i>	67
Geraldo Victorino de França – <i>Piracema e Piracicaba / Cana-de-açúcar / IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool / ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz / CENA - Centro de Energia Nuclear na Agricultura / Estação Experimental de Cana-de-açúcar / Usinas de Açúcar / Sinônimos de Aguardente</i>	71

Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Textos inéditos / A vida</i>	73
Ivana Maria França de Negri – <i>Piracicaba, Terra da Viola / Rio de minha Terra</i>	75
João Umberto Nassif – <i>Estrela Brasileira</i>	77
Leda Coletti – <i>Piracicaba</i>	81
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – <i>Reminiscências</i>	83
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Declaração de amor à minha Terra</i>	87
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>A sombra no chão / Passará / Piracicaba em seus 250 anos</i>	89
Myria Machado Botelho – <i>Piracicaba em seus 250 anos</i>	95
Newman Ribeiro Simões – <i>Henrique Cocenza / Um silêncio como prefácio</i>	97
Olívio Nazareno Alleoni – <i>A Carta - Lectiones Vitae</i>	99
Raquel Araujo Delvaje – <i>Só mais um poema de adeus</i>	107
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Majestade / Varonil</i>	111
Valdiza Maria Caprânico – <i>Orquídea branca</i>	113
Vitor Pires Vencovsky – <i>Minha Vila Independência</i>	115
Waldemar Romano – <i>Atos e fatos culturais – 1900/1950</i>	121
Walter Naime – <i>Piracicaba com retrovisor e farol de milha</i> ...	127
APL em ação – Noticiário	130

APRESENTAÇÃO

Eis mais uma edição da revista da Academia Piracicabana de Letras, que vem a lume, graças à colaboração dos acadêmicos e acadêmicas, que não têm deixado de enviar textos qualificados e interessantes para serem nela publicados. Somos gratos por essa dedicação, pois sabemos que todos têm seus afazeres e nem sempre é fácil encontrar tempo para dar conta de todos os compromissos. E por tocar nisso, é bom que já comecem agora a preparar a matéria para o futuro número. A participação de todos é fundamental. O nosso editor, acadêmico João Umberto Nassif, costuma dizer aos associados: “É muito pouco o que pedimos (apenas um artigo por semestre), diante do muito que, certamente, ganharão os autores dos textos e os respectivos leitores”.

Aproveitamos para informar que a nossa Academia está com seu quadro associativo completo, com o ingresso de novos membros efetivos, a saber: Raquel Delvaje (cadeira nº 40

– patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende) e Barjas Negrí (cadeira nº 05 – patrono: Leandro Guerrini). Lembramos que a nossa entidade observa o sistema estrutural francês para Academias de Letras, o qual não admite o ingresso de mais do que quarenta membros.

Contudo, o estatuto da APL tem uma categoria de associado, além do quadro dos membros efetivos, que acolhe sócios postulantes. Esses podem ser admitidos sem limite de número. Para ingresso nessa categoria, o interessado tem de cumprir as condições exigidas pelo estatuto, ao fazer a solicitação de admissão, que são poucas e simples. Leia o que diz a norma de que trata dessa matéria: “*Membro Postulante é o portador de diploma de curso superior, devidamente reconhecido e registrado, ou o estudante de segundo grau ou de curso superior residente e domiciliado em Piracicaba, que se interesse pela literatura, sendo admitido como tal mediante requerimento do interessado, aceito pela Diretoria*”. Quem sabe seja essa a oportunidade que você leitor esteja desejando.

Esperamos que possam fazer agradável leitura dessas páginas. Abraços a todos.

Gustavo Jacques Dias Alvim
PRESIDENTE

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

À Noiva da Colina

*Poeta caipira, ao tanger minha lira,
Inspira-me a “Noiva da Verde Colina”.
Radiante cidade com céu de safira,
Admiro seus lagos... Seu Rio me fascina,
Correndo impetuoso entre as pedras e a brisa!
Ilesa na queda, a cachoeira desliza,
Caindo no “Salto” e espumando com graça!
Adoro seu clima de raro conforto,
Belíssimos bosques, o Engenho, (a cachaça!),
A “ESALQ”... e os encantos da Rua do Porto!*

Garça Branca (Do bairro Tanquã- Piracicaba)

Que sereno voar da garça branca!
Com as asas ruflando, o ar espanca,
no silêncio da manhã!
Compassada essa dança ao som do vento,
mais parece um balé suave e lento,
sobre as águas do Tanquã.

Passarinhos do brejo, multicores,
tagarelam nos ninhos sobre as flores,
ao cantar da jaçanã!

Os insetos fazem parte da orquestra,
entoando um louvor à sua mestra:
– garça branca do Tanquã!

Sob olhares altivos das taboas,
aguapés se esparramam nas lagoas,
com esmero, com afã!
Lá de cima contempla, humilde e franca,
em seu voo singelo – a garça branca –
as belezas do Tanquã!

O anu branco rebusca entrando em cena,
as delícias da sombra mais amena,
d'um Ipê ou Tarumã!

Mas a garça gorjeia, em seu gazeio,
e mergulha nas águas – bem no meio –
águas turvas do Tanquã!

O peixinho se assusta ao ver a garça,
e procura entre a sombra que o disfarça,
seu papai, sua mamã!

O alecrim esparrama seu perfume,
aquecido à tardinha pelo lume
do sol quente do Tanquã!

Vai-se o sol lá no poente! Escurece!
Pousa a garça gazeando numa prece,
vendo a lua folgazã!

Seu brilho tão intenso o céu prateia,
nas águas refletindo...É lua cheia!
Sonho meu...és tu, Tanquã!

A paineira do Bairro Chicó

Tu, solitária Paineira,
que vives plantada à beira
da Estrada rumo a Chicó,
com tuas vistas tão baças,
quanta tristeza não passas,
da estrada, cheirando o pó!

Braços abertos, teus galhos,
de manhã minam orvalhos,
tais como lágrimas tristes;
choras tanto e te magoas,
por notares que as pessoas,
nem sequer sabem que existes!

Se pudesses, gritarias
a todas as cercanias
que de ti não sentem dó:
*“Não vedes que estou sozinha
e que minh’alma definha
neste imenso cafundó?”*

*“Antes fosse um algodoeiro,
em solo fértil, brejeiro,
pra me arrastar pelo chão.
Alimentando esse sonho,
como frutos sempre ponho
lindos cachos de algodão...”*

*“Quanta boiada vendida
eu vi passar, conduzida
por alegres boiadeiros...
Os carros de boi passavam
e tristemente choravam
aos gritos de seus carreiros.”*

*“Chegando a Semana Santa,
ainda hoje me encanta
uma promessa de outrora...
Pois todos anos eu vejo,
aqui passar o cortejo
dos que vão a Pirapora”.*

*“Romeiros! Vos peço e insisto:
rezai por mim junto ao Cristo,
e contai-lhe meus pesares;
que meu corpo – só de espinhos –
afugenta os passarinhos,
e em mim, não fazem seus lares!”*

*“Dizei-lhe que vivo só,
moro perto de Chicó,
bairro rural de renome;
pedi-lhe que me abençoe,
que meus lamentos perdoe,
e acalme a dor que me come!”*

Jardim Colonial
(antigo bairro rural Água Branca-Piracicaba)

Recordo-me feliz da infância já distante,
nos sítios da Água Branca... Em águas cristalinas
revejo-me a pescar ou nadar ofegante,
ou armando a arapuça às aves matutinas.

Relembro os canaviais! Um bezerro berrante!
Estradas vicinais, serpenteando as colinas!
Olarias! A roça! A porteira chiante!
A mocinha caipira! ...Os moleques traquinas!

Meninas a brincar se fazendo de damas,
embalando no colo as bonecas de milho,
que roubara o guri de um verde milharal.

O tempo se passou! A sorte fez mil tramas!
Só restou da Água Branca um sonhar andarinho,
neste bairro de outrora: o Jardim Colonial.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Reminiscências de Piracicaba

De repente... abri a janela de minha vida e deparei-me com o alvorecer de uma existência setuagenária.

No horizonte, nuvens doiradas pelo sol do dia nascido, uma brisa leve passeia pelas folhas das árvores embalando-as suavemente, a fragrância das flores no ar, incansáveis colibris em harmoniosa coreografia bailam de flor em flor, sobre a relva, intensa revoada de insetos e, tendo como fundo deste cenário, o azul cerúleo.

Neste devaneio, o pensamento vagueia pelo tempo e direciona a atenção ora para o passado ora para o presente, a alma estremece, vibra diante das recordações, a sensibilidade é mais forte que palavras e sons; traz-me à lembrança a piracema do caudaloso Piracicaba, cardumes de peixes tentando transpor o Salto, como brocados enfeitando o Véu da Noiva; a velha ponte do Mirante com passarela de madeira e, a guarita do guarda da Sorocabana, cheia de cestos e jacás de bambus, construídos entre uma passagem e outra da “Maria Fumaça”, como forma de passatempo e reforço de salário; o jardim da ponte com suas frondosas árvores quase engolindo o coreto; as pescarias noturnas e escondidas, no Salto do Piracicamirim dentro da ESALQ; das chaminés do Engenho Central, soltando fumaças negras voluteando no ar; das cerâmicas da Rua do Porto, contrastando com a densa mata ciliar e harmonizando-se com a Vila dos Pescadores. Ouço: o inconfundível sino do bonde, tocado pelo cobrador a cada passagem recebida, o berrante ao longe anunciando a chegada de mais uma boiada com destino ao matadouro, as melodias das orquestras tocando nos Clubes Coronel Barbosa e Cristóvão Colombo. A Banda Marcial “Cel. F. F. da Costa” (Escola Industrial) com

seu garboso uniforme e eclético repertório musical, arrancando aplausos e provocando emoções em todas as apresentações, e da qual tive a honra e felicidade de ser integrante. A orquestra “Pedrinho e sua Orquestra”, formada em sua maioria por músicos da Corporação Musical “União Operária”, presença constante em grandes bailes da região. As brincadeiras dançantes animadas pelos inesquecíveis conjuntos musicais da cidade: Os Megassons, Os Cambitos, Super Som Sete, dentre outros que me fogem à memória; o som ensurdecedor dos teares da Fábrica de Seda, na Vila Rezende, e da Fábrica Boyes, o apito do trem chegando às 22:00 horas na Estação da Paulista, a algazarra dos engraxates na Praça José Bonifácio – disputando possíveis clientes para engraxar os sapatos. Em todo alvorecer, a quebra do silêncio pelos garotos jornalheiros em frente a tipografia do Jornal, aguardando liberação para as entregas domiciliares. A alegria da garotada ora brincando nas águas do cristalino Itapeva, ora jogando futebol com bola de borracha, bolinhas de gude, rodando pião, corrida de pega-pega, batendo figurinhas, entre tantas outras brincadeiras.

As meninas, brincando de roda e cantando canções folclóricas - hoje quase totalmente esquecidas -, pulando corda, amarelinha, jogando porquinhos, brincando de casinha com bonecas e tantas outras.

De repente... volto ao presente: o velho Piracicaba, qual esqueleto leuquêmico, curvado sob o peso da poluição, carregando toneladas de resíduos.

O jardim da Ponte não mais existe, o negrume do asfalto contrastante com a alvura das edificações: todo o verde foi engolido... E a velha “Maria Fumaça”? O bonde? O troar das boiadas na ponte? O cheiro gostoso de melado de cana do Engenho Central? O bosque da Casa do Povoador, com seu murmurante regato? Os saraus dançantes com famosas orquestras e conjuntos musicais? O encontro da boemia nas madrugadas, no Bar Bola Sete na rua Governador? O Jardim da Cerveja com músicas ao vivo? E as românticas serenatas?

Das cerâmicas da Rua do Porto, somente altivas cha-

minés persistem no tempo, como dedos da natureza em riste, denunciando o homem por suas agressões nefastas à natureza.

O Jardim da Cerveja cedeu espaço para o glorioso Cur-sinho “Luiz de Queiroz”; as serenatas ainda são lembradas com eventuais “Noite da Seresta”, em pontos estratégicos da cidade o que nos causa pequeno consolo e muito saudosismo; os prédios do Engenho Central resistem ao tempo e graças ao seu tombamento é hoje ponto turístico e de encontros sócio culturais da cidade.

Ah! Que nostalgia, que poder de juventude carrega meu coração; pulsa entusiasmo.

O tempo, na minha memória, vibra a emoção misteriosa das noites de luar, a estender réstias de pratas pelas árvores, telhados e o rio, e os acordes de violões seresteiros nas madrugadas frias. Bailes juninos nos terreiros, muitas vezes à luz de lampiões, e as brincadeiras com busca-pés. Os bate-papos nas calçadas até altas horas da noite, sem preocupações com seguranças.

Essas emoções ou ansiedades povoam o meu espírito, dando-me a sensação de que vivo perenidade.

Empolgado, o arrebatamento leva-me a cantarolar meio desafinado alguns boleros; enquanto irradiam ainda mais minhas emoções. Vem-me à lembrança o Trio ITOJUVAL composto por: Júlio carteiro, Toninho e Valter, presença constante nas noites piracicabanas e nos programas radiofônicos das: “A Voz Agrícola do Brasil” e PRD-6 “Rádio Difusora de Piracicaba”, interpretando com maestria o repertório do saudoso Trio IRAKITAN.

O passado deixou saudade, nostalgia, há canções que machucam o coração, pela poesia, melodia e ritmo das notas musicais.

Como é interessante o subjetivismo humano!

Em meu peito permanece a nostalgia de ontem, o que será amanhã?

Recomponho a mente, e todo itinerário percorrido nas asas do tempo; somos os únicos não alados capazes de alçar

voos mirabolantes através do pensamento, e sinto que, no âmago do meu ser, ainda palpita forte a juventude, ainda há um garimpo de energias vitais.

Minh'alma é um relicário guardando inúmeros papéis, sou mais um protagonista no belo espetáculo da vida, cujo palco é o mundo e o tempo interminável.

Minha Princesa

Oh! Linda menina Estela,
alma ora ardente, ora serena e pura.
Dona d'um olhar ora fulgurante como estrela,
ora manso e delicado, muita formosura!

E, neste abraço querida neta,
que ainda não te dei.
Guardo os versos mais lindos
que te fiz, e outros que tentei.

Mas minha tortura, inda é maior;
não ser poeta assim como, tu és linda.
Pra gritar num verso apenas,
Meu amor por ti, neta querida!....

És das estações do ano,
somente primavera.
Ah! Não seres como outras crianças;
Ó princesa encantadora, ficar sempre contigo quisera!....

Natal

Na praça, festa de luzes,
mãos carregadas de pacotes e ilusão.
Crianças ricas ganham presentes,
crianças pobres, fome e decepção.!

Dos pinheiros garbosos nas salas,
descem festões multicores em curvas graciosas.
Aguardam Menino Deus, com festas tão caras,...
ao longe na capela, coral de vozes maviosas.

Lá fora, chuva fina persistente,
vento mensageiro, cansado de correr mundo.
Penetra pela fresta, som estridente,
sussurra ao pinheiro todo segredo oriundo...

De repente, num repente quase mágico,
lampadinhas começam a piscar.
Sininhos tintinabulam delicados,
meia noite! Menino Deus vai chegar!

Noite maravilhosa, abraços, mãos que acariciam,
festões, bolas, presentes, risos crianças.
Anônimos meninos de rua, só presenciam!
É!... Meninos de rua: só Menino Deus traz esperanças!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Passagens

Jamais conseguirei escrever tudo o que intenciono: lembranças, registros históricos passados e presentes, e mais, projeções, sonhos, que envolvem passagens engraçadas, coloridas, matizadas, coisas intrigantes, temas sobre os amigos, relativos aos amores que tive. Passagens da minha vida, da minha vivência junto a pessoas de idades diferentes, de personalidade vária. Passagens de mim, emotivas, envolventes, tímidas, que podem causar diferentes sentimentos, gestos espontâneos, envolvimento, sorrisos e sustos. Enfim, pura emoção!

Idealizo também pintar, não uma natureza-morta, uma tela de formas contemporâneas, mas uma paisagem estranha. uma forma humana construída com pontos de interrogação, de exclamação, vírgulas, pontos finais e pontos e vírgulas, tudo em cores vibrantes, amenizadas pelas perguntas e respostas, que farão contraste por causa das tonalidades claras. Corpo estranho, meio humano, meio grotesco, figura inespecífica e inexata, corpo desconhecido que pode representar qualquer ser, qualquer imagem.

Pensei em pintar um auto-retrato! Mas descobri que a minha imagem se encontra no meu relicário e não deve ser exposta assim, sem mais nem menos. Para mim, a imagem de todas as pessoas está bem guardada em seus respectivos relicários, que devem ser abertos com muito cuidado! Quando a imagem é exposta, na certa, o coração pulsará descompassadamente, porque nesse momento ela desnuda os envolvimento

amorosos presentes e passados! Somente o retorno à escuridão, na qual sempre viveu, dará conta de acalmá-lo, tornando-o feliz e ritmado outra vez.

Não desisti do meu intento por causa disso, somente compreendi que tudo deve acontecer no seu tempo exato, como os fenômenos naturais acontecem segundo as regras precisas da física... Para que os fenômenos humanos também ocorram na mesma ordem, devemos ser sensíveis, cumprir as pessoas, devemos ser alegres, cantar, e se possível, distribuir gotículas de amor junto com o vento que acaricia o nosso rosto. Devemos ainda enxergar no nosso redor o outro, o próximo, falar com ele palavras coerentes, estimuladoras, porque não existe no mundo quem não precise de um alento, de elogios diretos, ditos olho no olho, e de carinho, tudo isso que é capaz de elevar a autoestima.

Porque na rotina diária da nossa vida nos confrontamos com contratempos, e por isso é importante que cada um tenha a sensibilidade de estender a mão para quem está desarvorado e não consegue distinguir o que é positivo do que é negativo nas situações que enfrenta. Tudo são passagens, na verdade, aquela atravessada pelo desarvorado e a outra que mostra como podemos ser mais humanos.

Praça José Bonifácio

Praça central, altaneira, aconchegante
Traz ao presente reminiscências do passado.
Registra a história piracicabana ao vivo,
Tem à sua frente a Igreja abençoando.

Espaço aberto a todas as idades.
Idosos narram passagens de ontem
Interagem nas trocas de causos e prosas,
Tendo prioridade os acontecimentos locais.

Na primavera, festival esplêndido de flores
Embelezam e exalam seu perfume...

Em sintonia com a graça da praça
Estão o coreto, o chafariz e bustos históricos.
Que o tempo incumbiu-se de guardá-los
E fazer pulsar as emoções.

O chilreio dos pássaros cantores,
O som musical do Clube Coronel Barbosa
Formam a natural orquestra sinfônica,
A praça sensibilizada, adormece feliz.

Travessia Costa Fascinosa

Gratificante e fascinante é sentir se em alto astral no centro do universo observando o sol que emite sua luminosidade e ação debruçando carinhosamente sobre a população. A Terra em especial, a água onde o navio navega e os indivíduos agradecem!.

Neste momento sente-se *affacinante* fazendo a travessia marítima em um navio italiano partindo da Itália da cidade de Savona até o Brasil na cidade de Santos.

Que emoção conhecer ou rever Barcelona, Casa Blanca (Marrocos), Tenerife (Ilha das Canárias), Recife, Olinda, Maceió, Salvador; Búzios e Santos.

O difícil é relatar as maravilhas porque o rol de atividades acontecidas no navio mexem e sensibilizam fortemente nossos sentimentos. Tudo isso porque há beleza, charme elegância, conforto e segurança. Nessa travessia tudo acontece com sucesso e em perfeita harmonia ao sabor do tempo, da natureza e da vida. Isto tudo ocorre:

– O grande navio Costa Fascinosa é de última geração com tecnologia de ponta;

– O Comandante Pasquale Arena, seus oficiais, diretores, gerentes, supervisores com profissionalismo colocam todo conhecimento à serviço dos turistas e da tripulação;

– Os funcionários de todos os escalões, são capacitados, prestativos, atenciosos. Excelentes!

– Os turistas, de diversos países mantém um clima saudável, harmonioso, participam proporcionando condições para uma agradável travessia. É importante ressaltar que falam línguas diferentes, mas a comunicação entre todos é perfeita e plausível. Quando se expressam ao mesmo tempo parece o som de uma orquestra, sinfônica. Que encanto!

Quanto a hospedagem, as cabinas são perfeitas, completas “tudo em seu devido lugar”, reina a ordem e disciplina. No ambiente tem TV (tevé interativa) com canais diretos

do navio, com o propósito de oferecer orientações, critérios e instruções para como desfrutar a gastronomia de última linha servida nos, restaurantes (até nas cabinas), nos passeios internos e os externos as (excursões), nos diversos salões de dança, discoteca, no teatro com shows diversos, até internacionais. Tem o cassino milionário, piscinas, jacuzzis, tobogã, *scuderia*, *foto shop*, aperol spritz bar, shopping, cinema 4D, samsara.. SPA, capela, academia, cafés-bar, piano-bar, área de lazer, e solarium...

Atividades Sociais, culturais e físicas, em especial os entretenimentos são diferenciados atendendo às diferentes idades e interesses. Tudo acontece nos diferentes *decks*; é só ver e analisar o Diário de Bordo entregue assiduamente na cabina para o turista perceber que cada atividade tem sua especificidade e um amplo raio de ação. É só participar...

Ocorrem também momentos especiais, como a Noite do Comandante, Baile das Máscaras, Noite do Branco, Baile do Verde e Noite Italiana. Sente-se estar na Itália!

Referindo-se ao shopping, seus produtos, qualidade e valores aquisitivos, atendem todos os gostos e interesses. E a gastronomia? Farta em quantidade e excelente na qualidade agrada a todos os paladares. O problema está em como conseguir saborear todas as guloseimas, as frutas, os doces, sorvetes, os sucos e as bebidas, sem ter aumento de peso? É só...

Este navio conta também com serviços extras de suma importância, como, viva voz, materiais de segurança, serviço de apoio ao cliente, escritório de venda de excursões. Viajar dentro deste contexto é bom demais, é sentir-se feliz, seguro e realizado.

Quando acontecer as pausas necessárias e rotineiras é preciso observar a imensidão e grandeza do Universo, o volume das águas oceânicas e agradecer a Deus Onipotente, Onisciente, Onipresente. Para abençoar e proteger a viagem, o navio possui um significativo espaço santificado: a Capela Nossa Senhora Estelamaris. Senhor! Senhor!

O imenso navio está lindamente ornamentado para as festas natalinas (2016 e felicitações para o novo ano de 2017).

Agradecimentos especiais

Diretoria do Costa Fascinosa

Oscar Salvi – Hotel Director,

Funcionários (linha de frente)

Pasquale Arena

Junior Emke, Karina Silveira e Wagner Assumpção

Saudações

Vera Regina Mancini Maluf - Turismo Ponta Verde

Excursionistas

Travessia 1 a 19 de novembro de 2016

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

Samuel Pfromm Netto, um piracicabano ilustre

Piracicaba já foi conhecida como “a Atenas paulista”, onde se cultivavam com esmero línguas como o latim e o grego clássicos. Ainda recentemente faleceu o Prof. Guilherme Vitti, um latinista no pleno sentido do termo. Não faz muitos anos, aqui residiram homens como o Dr. Noedy Krähembühl, juiz de direito e professor, homem de cultura humanística impressionante, que chegou a lecionar grego, sem nada cobrar, de um caminhoneiro que certo dia bateu à sua porta dizendo que gostaria de aprender grego. Ou como o Dr. Orlando Veneziano, igualmente latinista de profundos conhecimentos.

Outro piracicabano de cultura clássica e enciclopédica foi o Dr. Samuel Pfromm Netto (1932-2012), um grande e saudoso amigo com o qual aprendi muito. Era uma figura extraordinária. Nascido bem no centro da cidade de Piracicaba – na esquina das ruas D. Pedro I e Alferes José Caetano, numa antiga maternidade que funcionava na casa em que hoje está instalado o Empório Santa Clara – iniciou a vida profissional como professor primário, formado no Sud Menucci, escola em que lecionou alguns anos. Foi também jornalista, trabalhando durante anos no Jornal de Piracicaba. Cuidou, muito tempo, da crítica cinematográfica do jornal, numa época em que o cinema era, praticamente, a única atração cultural das noites piracicabanas.

Conheci Samuel há cerca de 30 anos, quando dava meus primeiros passos no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Desde logo fiquei cativado por sua personalidade pujante, sua cultura, sua extrema amabilidade. Nós, os mais

jovens do Instituto, tínhamos por ele enorme respeito, pois conhecíamos seu currículo brilhante como professor emérito de Psicologia Educacional, na USP, autor de obras de peso e referência internacional na sua especialidade.

Mas ele não nos intimidava, mostrando-se, pelo contrário, acessível. Quando conversava com os mais jovens, longe de adotar uma postura professoral (que seria, aliás, mais do que justificada), sabia adaptar-se, acamaradar-se, gostava de ouvir, estimulando os melhores lados do interlocutor. Era cultíssimo, tinha um conhecimento profundo da História e da Literatura dos vários povos, de modo que, nas conversas, com naturalidade entremeava observações argutas, comentários inteligentes, recordações de leituras ou viagens muito adequadas ao momento. Era, ao mesmo tempo, atualizado, acompanhando com interesse as novidades em todos os ramos do saber. Conversar com Samuel era aprender, era penetrar num mundo encantado de cultura e bom gosto.

Tinha, ainda, seus *hobbies*, seus “estudos paralelos”, conhecendo em profundidade cinema, história em quadrinhos e música popular brasileira. Tudo isso o aparelhava de modo excelente para, nas conversas ou aulas, soltar observações engraçadas, sutis, cheias de verve. Era capaz de, numa conferência, referir-se a um personagem de romance, a uma peça de teatro, citar um ditado popular, cantar um trecho de uma música, tudo isso com naturalidade, encantando os que o ouviam. Era um grande orador, dos melhores que conheci, comunicador nato, professor até a medula dos ossos.

Mais tarde, já em 2001, tive ocasião de estreitar relações com ele e com sua esposa, D. Olga Clemente Pfromm, quando o entrevistei para o jornal “São Paulo em foco”, do qual eu era diretor.

Falei de D. Olga. É impossível recordar Samuel sem falar dela. A fidelíssima companheira de mais de 50 anos de matrimônio, contou-me, no velório, que poucos dias antes do falecimento, com Samuel já muito doente e abatido, ela, que no quarto do hospital procurava distrair-se e distender-se um

pouco fazendo palavras cruzadas, perguntou-lhe alguma coisa, referente à história de Roma Antiga. Era um nome qualquer de um imperador, com determinado número de letras, que precisava colocar no papel.

Evidentemente, D. Olga quis, com a pergunta, estimular um pouco o intelecto combalido do esposo, animando-o. Mas, gracejou:

– Samuel, quero só saber a palavra, não precisa me dar uma aula.

Mas o velho professor, estimulado, não se contentou em dar a resposta... sentiu necessidade de explicá-la. E dali brotou uma conversa que tomou a manhã inteira, percorrendo com sua memória e recordando com vivacidade toda a história da antiga Roma, desde a lendária fundação, com Rômulo e Remo, até a Antiguidade Tardia, já no despontar da Idade Média. Vendo que o marido se animara, D. Olga, jeitosamente, deu corda, foi fazendo perguntas, incentivou-o a falar. E ele falou... Tudo repassou, os reis, a república, o consulado, o principado, o império, o surgimento do Cristianismo, a crescente influência dos bárbaros que, afinal, destruíram o Império. Foram três ou quatro horas de conversação...

Por trás de todo grande homem, costuma-se dizer, existe uma grande mulher. D. Olga é a grande dama que acompanhou Samuel em sua vida. Dotada ela também de notável inteligência e cultura – especialmente na área de Letras – foi a companheira e interlocutora ideal de toda uma vida dedicada ao pensamento, ao ensino, à cultura.

Conheceram-se aqui à porta do meu prédio, na Rua São José, defronte ao antigo Cinema Broadway. Samuel frequentava o cinema, pois redigia diariamente e crítica cinematográfica do Jornal de Piracicaba. A jovem Olga viu o jovem Samuel e, num primeiro momento pensou em indicá-lo para uma prima que estava à procura de noivo, mas conheceu-o melhor, gostou dele e acabou se esquecendo da prima... Foi com ela que teve início um romance que se manteve por mais de meio século. Olga, formada em Letras e dotada de gran-

de inteligência, optou por não seguir uma carreira acadêmica própria, que poderia ter trilhado com brilho. Preferiu recusar um convite para seguir uma pós-graduação na França, que lhe teria aberto todas as possibilidades na docência do Ensino Superior. Preferiu ficar ao lado de Samuel. Com Samuel ficou, acompanhando-o em todos os passos, nas sucessivas universidades em que este lecionou.

Bem estabelecido em São Paulo, Samuel nunca esqueceu da sua terra natal. Aqui vinha com frequência, sonhava retornar para cá. Ainda poucos meses antes de falecer, pediu-me que lhe procurasse um apartamento pequeno, aqui no centro da cidade. Queria ter um "pied-à-terre" aqui, que não ficasse longe nem da Praça José Bonifácio nem do rio Piracicaba. Queria poder ir a pé aos velhos e saudosos locais em que passara a infância.

Para cá realmente retornou, mas infelizmente num dia muito triste para todos nós que o estimávamos e admirávamos. Veio para o sepulcro dos Pfromm, no Cemitério da Saudade. Pouco tempo antes, dissera-me que havia tomado todas as providências para seu sepultamento. Não queria ser cremado, mas sepultado, de acordo com o velho costume católico, junto dos seus, na sepultura familiar. E como católico morreu, confortado com os sacramentos da Igreja. No mesmo dia do seu enterro, na missa dominical das 19 horas, celebrada em rito oriental maronita, Mons. Jamil Abib (que era amigo de Samuel e seu confrade no IHGSP), recordou sua figura e sufragou sua alma. Deus tenha a alma desse grande amigo, desse grande mestre, desse grande piracicabano.

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba publicou, como obra póstuma, seu *Dicionário de Piracicabanos Ilustres*. Samuel empenhou-se nesse livro monumental por anos a fio e queria vê-lo publicado ainda em vida. Acompanhei-o em alguns dos lances que deu, na infrutífera tentativa de conseguir patrocínio para a publicação. Mas somente depois de sua morte a obra veio a lume, editada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, então sob a direção segura de nosso

amigo Vitor Vencovsky. Foi a primeira obra póstuma de Samuel Pfromm Netto. Acredito que, em seus papéis de estudo e pesquisa, outras obras ainda estejam esperando pela luz da publicidade. Sim, era fecundo, era fecundíssimo, meu amigo Samuel, com sua cultura polimórfica.

Bem merecida homenagem foi prestada à sua memória com a designação, como Rua Samuel Pfromm Netto, da antiga rua 1, do loteamento Recanto Campestre, situado no Bairro do Campestre. A iniciativa foi do vereador Pedro Kawai, que apresentou o projeto de lei municipal 175/2015, aprovado por unanimidade na 54ª. reunião ordinária da Câmara de Vereadores de Piracicaba.

A vida profissional de Samuel foi intensa e multifacetada. Difícil seria resumi-la toda nos limites deste artigo. Por amor à brevidade, prefiro transcrever do site da nossa Câmara, matéria de autoria do Jornalista Erich Vicente:

“Samuel foi psicólogo, pedagogo e historiador. Era aposentado da Universidade de São Paulo e ex-presidente da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa do Ministério da Educação na gestão de Esther de Figueiredo Ferraz. Atuou como conselheiro e assessor da Presidência e foi chefe da Divisão de Ensino da Fundação Padre Anchieta em meados dos anos 70, quando foi um dos responsáveis pela criação do programa infantil Vila Sésamo, transmitido pela TV Cultura. Corresponsável pela criação e desenvolvimento da TV Educativa da USP, orientou teses e ministrou cursos superiores por meio da televisão, na mesma universidade. Vários programas de TV e rádio educativos realizados por Samuel Pfromm Netto foram premiados no país e no exterior. Ganhou os prêmios Japão de Televisão e Rádio Educativos na competição internacional promovida pela Nippon Hoso Kyokai (NHK) em Tóquio, recebido em cerimônia presidida pelo então príncipe Akihito. Ministrou cursos, conduziu seminários e realizou conferências sobre mídia educativa e tecnologia educacional no país e no exterior (USP, UFRJ, FMU, Syracuse University nos EUA e outras). Tem centenas de livros publicados sobre educação, psicologia, mídia educativa, história e literatura, e mais de 500 artigos, pesquisas e

estudos publicados no país e no exterior. Alguns dos livros incluem Telas que Ensinam (Alínea, 2001), Tecnologia da Educação e Comunicação de Massa (Pioneira, 1977), Comunicação de Massa (Pioneira, 1972), e em co-autoria, como Histórias das Ciências no Brasil e São Paulo na Idade Mídia. Presidiu a Academia Paulista de Educação, a Academia Paulista de Psicologia e a Academia Cristã de Letras. Pertenceu a numerosas entidades culturais e científicas do país e do exterior, como a Academia Paulista de História, a National Society of the Study of Education, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Recebeu diplomas, medalhas e honorarias, como o Colar Medalha da Marinha, Diploma e Placa da Secretaria Especial de Informática da Presidência da República e outras veneras e distinções. Jornalista veterano, Samuel fez parte do Conselho Editorial do Jornal de Piracicaba e do Conselho Técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo”.

Ainda cabe à Prefeitura de Piracicaba dar o nome do grande educador piracicabano Samuel Pfromm Netto a uma escola municipal. Nada seria mais justo!

Internet e tecnologias digitais: o perigo do emburrecimento

A utilização cada vez mais intensa de tecnologias digitais nas escolas de nível fundamental e médio está alterando profundamente a dinâmica ensino/aprendizado. Alterando para o bem, dizem muitos; para o mal, pensam outros.

Eu diria que as tecnologias digitais dos tempos em que vivemos representaram, na escola, o papel de um verdadeiro “salto qualitativo brusco” no processo de aprendizado. Explico-me.

Fundamentalmente, o processo de ensino tem dois polos, dois elementos essenciais: quem ensina e quem aprende. O ensino se faz pela comunicação de ambos. O professor, ou

mestre, ou tutor, ou orientador (tenha lá o nome que tiver) é alguém mais experimentado que comunica ao aluno algo do seu conhecimento. O aluno recebe, critica, aplica, completa e vai, assim, montando seu próprio arcabouço cultural, formando sua visão do mundo (a famosa “weltanschauung”, ou cosmovisão). Esses dois polos, o docente e o discente, são os elementos essenciais do processo de ensino. Tudo o mais (livros, apostilas, cadernos, aulas, escolas, horários, métodos etc. etc.) é acessório, é complementar, é instrumental.

Na cultura oral (ainda existente em numerosas sociedades tribais de nossos dias), a transmissão do conhecimento e a tradição cultural se passam do modo mais simples: um fala, outro ouve. Um tira o conteúdo ensinado de sua memória, outro procura memorizar o que ouviu. Sem intermediários, sem mecanismos auxiliares.

É muito difícil, para nós, entendermos e apreciarmos a enorme capacidade de memorização dos antigos. Nós vivemos atulhados de informações e nem prestamos atenção às coisas ouvidas, mas os antigos tinham o hábito de ouvir com muita atenção e de meditar sobre o que tinham ouvido, de modo que desenvolviam uma retentiva impressionante.

A utilização da escrita representou, de fato, um salto qualitativo no processo de ensino, pois passou a dispensar a proximidade física entre mestre e discípulo. Este passava a poder ler, com toda a comodidade, o que aquele havia escrito a grande distância, ou até mesmo muito tempo antes. Escrever significava superar as barreiras do espaço e do tempo.

Os filósofos gregos clássicos, que tanto admiramos e que tanto marcaram nossa cultura, podem bem assinalar a passagem da cultura oral para a escrita. Se tomarmos, por exemplo, um Sócrates que só ensinou oralmente, e um Platão que ouviu e escreveu os ensinamentos do seu mestre, fixando-os para os séculos e milênios seguintes, temos bem nítida essa transição.

A invenção da tipografia, com a difusão cada vez maior dos livros, dos jornais e das revistas, marcou saltos não qualitativos, mas meramente quantitativos nesse processo de trans-

missão do conhecimento por meio da escrita. Já o cinema, o rádio e a televisão marcaram, a meu ver, um outro salto, já não quantitativo, mas qualitativo. E mais recentemente, com a generalização das tecnologias digitais, é a um novo e enorme salto qualitativo que nossa geração presenciou, no que diz respeito ao ensino.

Sócrates era crítico da escrita. Segundo ele, o pensamento, enquanto oral, era aberto e dinâmico, podendo ser questionado e, portanto, aperfeiçoado. Mas, uma vez escrito, fixava-se e perdia seu dinamismo. Em outras palavras, morria. Pensamento escrito era pensamento morto, no seu modo de entender. Por isso, nunca quis escrever.

Seu discípulo Platão escreveu muito. É graças a ele que conhecemos o pensamento de Sócrates. Mas Platão também era, a seu modo, crítico da escrita, pois notava que esta, ao mesmo tempo, ajudava a memorização e enfraquecia a capacidade de memorização; em outras palavras, era ao mesmo tempo auxiliar e assassina da memória.

Se a adoção da escrita despertou críticas ou dúvidas por parte de tão grandes mestres, também a utilização das tecnologias de comunicação e informação da presente era histórica podem ser questionadas. Na verdade, elas despertam, em espíritos críticos, um misto de otimismo e preocupação.

Sem dúvida, a escola pode e deve se aproveitar das tecnologias da comunicação e informação. Deve utilizá-las em toda a medida do bom senso, em toda a medida do razoável.

A internet, que é, sem dúvida, um meio muito útil e eficaz de difusão do conhecimento, pode e deve ser utilizada, mas, repito, com bom senso, com os devidos cuidados. A excessiva facilidade de acesso a bancos de dados fabulosamente amplos pode limitar uma série de operações do espírito humano, fazendo minguar seu senso de pesquisa, seu gosto pela leitura, seu espírito crítico. Há que tomar cuidado, muito cuidado! Há que incentivar os alunos a procurarem fontes escritas em papel e, sobretudo, a criticarem, discutirem, raciocinarem oralmente.



Não é somente a utilização de tecnologias digitais no ensino que desperta um misto de otimismo e preocupação. A própria automação já produz efeito análogo. Veja-se o curioso e instigante artigo “A automação excessiva emburrece”, de Nicholas Carr, publicado no jornal “Valor Econômico/The Wall Street Journal”, de 28/11/2014.

Antes de mais nada, há que apresentar Nicholas Carr. É um escritor norte-americano muito respeitado, crítico da automação e da “internetização” da vida corporativa, social e educacional. Nasceu em 1959, estudou nas Universidades de Dartmouth e Harvard, foi editor executivo da prestigiosa Harvard Business Review e é atualmente membro do Conselho Editorial da Enciclopédia Britânica. Seu livro “A geração superficial: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros?”, lançado em 2010, esteve na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos e foi indicado para o Prêmio Pulitzer, chegando a figurar entre os finalistas em 2011. Foi traduzido para 14 idiomas, inclusive o português. No Brasil, foi editado pela Agir em 2012, mas a edição rapidamente se esgotou e ainda não foi renovada.

O tema é polêmico, de grande atualidade e interesse. Penso retornar a ele mais vezes, mas queria compartilhar com meus leitores, para conhecimento e reflexão deles, os tópicos principais do referido artigo publicado no “The Wall Street Journal”:

“A inteligência artificial chegou. Os computadores são hoje perspicazes e precisos. Deslumbrados com nossas máquinas, nós damos a elas todo tipo de tarefas sofisticadas que antes costumávamos fazer sozinhos. Nossa crescente dependência da automação e computadores, porém, pode ter um custo elevado. Evidências preocupantes sugerem que nossa inteligência está se retraindo à medida que nos tornamos mais dependentes da inteligência artificial. Em vez de nos elevar, parece que o software inteligente nos emburrece.”

Essa é a introdução do artigo. Em seguida, Carr mostra como, nas indústrias, à medida que a automação se foi in-

tensificando, em meados do século passado, os empregados foram ficando cada vez menos ativos e mais passivos, cada vez mais adestrados a apertar botões que produzem efeitos imediatos e cada vez menos capazes de tomar decisões que, por atos explícitos de vontade, conduzissem a suas consequências. Em outras palavras, foram se automatizando, foram se transformando em robôs integrados à dinâmica e à estrutura dos mecanismos em que trabalhavam.

Mas isso não ficou apenas no campo da execução industrial. Os computadores foram se tornando mais sofisticados e eficientes, tomando conta de outros ramos de atividades:

“Os computadores estão assumindo tipos de trabalho intelectual considerados um privilégio de profissionais bem educados e treinados: pilotos dependem de computadores para operar um avião; médicos consultam computadores para diagnosticar doenças; arquitetos os usam para projetar prédios. A nova onda da automação está atingindo todo mundo. E evidências mostram que o mesmo efeito negativo que reduziu os talentos nas fábricas no século passado está começando a atingir as habilidades dos profissionais, mesmo os mais especializados. Os operadores de máquinas de ontem são os operadores de computadores de hoje. Veja o caso dos pilotos automáticos, inventados há um século para dar mais segurança e eficiência às viagens aéreas. Hoje, a quantidade de tarefas na cabine que foram transferidas para dispositivos computadorizados é tão grande, dizem especialistas, que os pilotos estão perdendo suas habilidades.”

Carr expõe, a seguir, diversas experiências feitas em vários campos de atuação, mostrando como, em geral, a automação e a hegemonia do conhecimento imposta pela Internet está perigosamente apoucando o intelecto humano. E conclui: *“Se confiarmos demais na automação, vamos nos tornar menos capazes e mais subservientes às nossas máquinas. Vamos criar um mundo mais apropriado para robôs do que para nós.”*

É curioso como esse método de emburrecimento, por meio da falta de exercício prático, é precisamente o que temia, há mais de dois milênios, o sábio Platão, quando se perguntava se a escrita era auxiliar ou a assassina da memória...

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI**

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Piraciteste

Bem-vindos ao teste de conhecimentos gerais sobre Pira, suas lendas, seus mistérios!

- 1 – Qual expressão não se refere a Piracicaba?
 - a) Noiva da Colina
 - b) Atenas Paulista
 - c) Capital Mundial do Humor
 - d) Vila da Constituição Nova
 - e) Bacacirapi

- 2 – O que chegou mais recentemente a Pira?
 - a) As capivaras do Monte Alegre
 - b) O pintado na brasa
 - c) O Aedes do Bem
 - d) A piapara no tambor
 - e) Os gatos do cemitério

- 3 – Uma catástrofe municipal deu origem:
 - a) aos fantasmas do Poupatempo
 - b) à Inhala Seca
 - c) ao João Palavrão
 - d) à Cobrona
 - e) ao Capiau Buraqueiro

- 4 – Quem criou a peça de teatro “Lugar onde o peixe para”?
 - a) Carlos ABC
 - b) Elias dos Bonecos
 - c) Hugo Pedro Carradore
 - d) Cecílio Elias Netto
 - e) Um mundaréu de gente

- 5 – Strangolapreti é:
- a) um frango transgênico criado na ESALQ
 - b) um prato típico tirolês
 - c) um coquetel à base de pinga e garapa
 - d) uma banda de rock piracicabana
 - e) um palhaço malabarista do Circo do Veneno
- 6 – Qual festa Pira não tem?
- a) Festa do Tempurá
 - b) Festa do Peixe e da Cachaça
 - c) Festa da Batata
 - d) Pastel Fest
 - e) Minas Fest
- 7 – Qual foi um dos antigos nomes da rua Governador Pedro de Toledo?
- a) Caminho Velho do Pau Queimado
 - b) Picadão de Mato Grosso
 - c) Rua Itapeva
 - d) Rua da Praia
 - e) Rua de Santo Antônio
- 8 – Qual se destacou pela grande quantidade de homens vestidos de mulher?
- a) Bloco da Ema
 - b) Banda do Bule
 - c) Bloco da Sapucaia
 - d) Escola de Samba Zoon-Zoon
 - e) Escola de Samba Ekyperalta
- 9 – Qual distrito industrial se localiza perto de Ártemis?
- a) Uninorte
 - b) Unisul
 - c) Uninoroeste
 - d) Unileste
 - e) Unioeste

10 – O que não se pode dizer sobre os bondes que trafegaram em Piracicaba?

- a) Eram bondes de segunda mão, adquiridos de Campinas.
- b) Dois bondes desativados permaneceram em Pira. Um, na ESALQ; outro, no Engenho Central.
- c) Houve um plano não concretizado de unir Pira a Rio Claro, através de bondes.
- d) Os primeiros bondes a chegar a Pira eram puxados por burros.
- e) Alguns passageiros costumavam saltar dos bondes em movimento, para se exibir.

Respostas Explicadas

Questão 1

Sim, as expressões “Noiva da Colina” (originária de um poema de Brasília Machado Neto), “Atenas Paulista” (devida à grande quantidade de escolas), “Capital Mundial do Humor” (devida ao fato de Pira promover o Salão Internacional de Humor) e “Bacacirapi” (como se dizia o nome da cidade nas conversas de trás pra diante) se referem a Piracicaba. Antes de ser cidade, Pira se chamou “Vila Nova da Constituição” e não “Vila da Constituição Nova”, portanto essa opção não se refere a Pira.

Resposta: d.

Questão 2

Os primeiros Aedes do Bem (mosquitos modificados que diminuem a população dos mosquitos causadores da dengue, da Zika e da chikungunya) foram liberados em Pira, em abril de 2015. Muito antes disso, já havia capivaras no Monte Alegre, gatos no cemitério e os restaurantes locais já ofereciam pintado na brasa e piapara no tambor.

Resposta: c.

Questão 3

No lugar onde hoje se localiza o Poupatempo, ficava parte do COMURBA, edifício que desabou deixando dezenas de mortos e traumatizando a cidade. Não é de se surpreender que qualquer som estranho ou corrente de ar inesperada leve alguns frequentadores do Poupatempo a pensar em fantasmas. A Inhala Seca, O João Palavrão e a Cobrona são lendas locais que não se originaram de catástrofes. Já o Capiau Buraqueiro tem origem misteriosa. É o único ser sobrenatural de Pira que deixa provas de sua existência. Ele é responsável por encher as ruas de buracos. Parece que a prefeitura, para não desagradá-lo, remenda nosso péssimo asfalto com isopor tingido de preto.

Resposta: a.

Questão 4

A opção correta é “um mundaréu de gente” porque a peça é uma criação coletiva do Grupo Andaime de Teatro, da UNIMEP. A direção é de Carlos ABC. Os adereços são do Elias dos Bonecos. Hugo Pedro Carradore e Cecílio Elias Netto, mesmo não sendo autores da peça, escreveram um mundaréu de coisas interessantes sobre Pira.

Resposta: e.

Questão 5

Se você não conhece strangolapreti, não sabe o que está perdendo. Dê um pulo nos bairros tiroleses de Santa Olímpia e Santana. Certamente você vai encontrar algum estabelecimento que sirva esse prato.

Resposta: b.

Questão 6

Pira não tem Festa do Tempurá. Tem algo melhor: a festa Japão na Praça, promovida pelo Clube Nipo-Brasileiro, onde você pode saborear tempurá e outras delícias, além de participar de atividades culturais. Todas as outras festas mencionadas e muitas mais, nós temos.

Resposta: a.

Questão 7

Muitas ruas de Pira já foram conhecidas por mais de um nome antigo.

Caminho Velho do Pau Queimado foi um dos nomes da rua Alferes José Caetano. Picadão de Mato Grosso foi um dos nomes da rua Morais Barros. Rua Itapeva foi nome da avenida Armando Salles de Oliveira. Rua da Praia foi nome da rua do Porto. Rua de Santo Antônio foi um dos nomes da rua Governador Pedro de Toledo.

Resposta: e.

Questão 8

Qualquer folião piracicabano sabe que a resposta é Banda do Bule.

Resposta: b.

Questão 9

Segundo o Blog do Barjas (sim, o prefeito Barjas Negri tem um blog), o Distrito Industrial Uninoroeste se localiza “no bairro Itaperu, perto de Ártemis, ao lado da Rodovia Piracicaba - São Pedro”.

O Unioeste, por enquanto, é pura invenção minha.

Resposta: c.

Questão 10

Diferente do Rio de Janeiro, Pira nunca teve bondes puxados por burros. As demais opções da questão dez são verdadeiras.

Resposta: d.

Resultado

Quem acertou no máximo duas respostas chuta muito mal e jamais assinará contrato com o XV de Piracicaba.

Quem acertou de três a cinco provavelmente não teve a

sorte de nascer em Pira, mas pode melhorar seu resultado se fizer um tour guiado pela cidade.

Quem acertou de seis a oito deve conhecer Pira de outros carnavais e dominar várias expressões locais.

Quem acertou nove ou dez faz jus ao título de Piracicabano Supremo.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

Alguém mais no lugar que o peixe para

A corredeira sonora do rio
Carrega meus sonhos encantados
Que se enroscam em galhos e pedras
Na sincronia das rotinas chuvosas

Plantas ribeirinhas aquietam desejos
Na placidez de suas águas cálidas
Sons de magias de um passado juvenil
Adormecidos pelas mornas correntes

Revitalizo minha alma de poeta
Deixando-a seguir o seu rumo
Em deleite me transfiguro em gotas
Que translúcidas fulguram em luzes

Ali, o homem e a natureza se integram
Ao ritmo bendito da sabedoria divina
Na catarse da integração cósmica
Da cidade que adotei como minha...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

Instituto de Educação Sud Mennucci

Houve um tempo em que a escola Sud Mennucci era a melhor de Piracicaba.

Para cursá-la, havia até uma prova chamada de exame de admissão, uma espécie de vestibular para entrar no ginásio após o quarto ano de estudos primários. O curso do ginásio ia até o científico, clássico ou normal. Durariam sete anos se o aluno não fosse reprovado. O estudo era rigoroso e disciplinado.

Os professores eram bem formados, exigentes, e não titubeavam em dar nota baixa ou reprovar quem não soubesse a matéria.

Professores como Arquimedes Dutra, Benedito de Andrade, Salles, Evaristo, Mellita Brasil, Rossini Dutra, Zelinda, Costinha, Argino, Demosthenes, Godoy e tantos outros, aos quais devo muito e agradeço.

As chamadas orais nos faziam ficar ansiosos e torcendo para que nosso número não fosse sorteado.

Deixaram saudades as feiras científicas do professor Demosthenes. Tempo em que tínhamos mais deveres e menos direitos, e hoje agradeço por ter tido tantos deveres.

Quantas saudades! Não sei se do Sud Mennucci ou de minha juventude...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR
Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Sacra arte

Foi um encontro celestial muito íntimo. Único! Há alguns anos, quando estava arrumando toda a papelada para meu matrimônio, fiz algumas visitas à Igreja dos Frades, numas de suas áreas que há muito não visitava. Na secretaria da Igreja me deparei com uma imagem pintada na parede. Um santo, um cordeiro, uma paisagem... Passei a fitar a obra feita à óleo na própria parede como se tentasse decifrar algum momento perdido no passado.

É um daqueles instantes que nos damos conta uma única vez na vida. “Como nunca reparei essa obra?”, pensei. Afinal, por mais de 30 anos residi ao lado da Igreja dos Frades, fiz catecismo ali e me casei nessa mesma igreja.

Quem de fora vê a Igreja Sagrado Coração de Jesus não visualiza a riqueza do seu interior, em especial as obras do Frei Paulo de Sorocaba, que tantos discípulos deixou em Piracicaba e tornou-se referência na arte sacra da região sudeste do Brasil.

Confesso que desde criança ouço falar do velho capuchinho que ensinava crianças e adolescentes a pintar. Isso me foi passado verbalmente por meu pai, Edson Rontani, ele próprio um dos pupilos do Frei Paulo durante sua estada no Oratório Seráfico São Fidélis.



Frei Paulo

E através de uma história simples chega-se à imensidão artística oferecida pela Igreja dos Frades, cuja pedra fundamental foi lançada em 1º de janeiro de 1893 e teve sua inauguração marcada em 10 de dezembro de 1895, ainda com sua estrutura incompleta.

O que nos intriga ainda hoje é como um homem a serviço da igreja tenha se dedicado com tanto afínco à pintura. Obras do Frei Paulo de Sorocaba são hoje referência nos principais verbetes históricos-culturais. Teve grande atuação em Piracicaba sendo o responsável pela pintura da fachada da igreja em 1915. Em conjunto com Plácido Zenatti e Eriberto Zabrecato, Frei Paulo fez a pintura do presbitério e do altar principal. Isso, entre 1916 e 1917. Teve a idéia de criar os respiradouros das paredes, melhorando sua acústica e ventilação.

Início – João Batista de Melo – nome de batismo de Frei Paulo –, nasceu em Sorocaba em 24 de junho de 1873, em meio às comemorações juninas a São João, o santo do dia. Era filho do músico Pedro Rodrigues de Melo, fundador da Banda 7 de Setembro, a qual regeu por 36 anos. Criado numa casa onde se amava a música, foi o cônego sorocabano Antonio Augusto Lessa que o impulsionou à arte: já aos nove anos tocava o violino do pai.

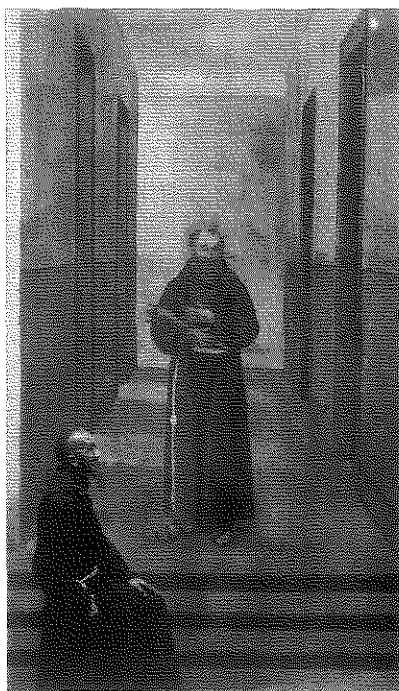
Anos mais tarde descobriu o lápis e o papel. Aos 10 anos é levado ao desenho artístico por influência de amigos, dentre eles o fluminense Antonio José da Rosa, ourives, entalhador e músico. O garoto passa a ter contato então com o ensino de perspectivas e desenhos com crayon através de gravuras litografadas e fotografias.

Com um tio, passou a pintar paredes de 1887 a 1891. No final desta década, sente-se inclinado à ordem religiosa. Foi a São Paulo onde os capuchinhos do Seminário de Santa Clara tentam dissuadi-lo da intenção. “Você não agüentará a rigidez dos frades; tente uma ordem jesuíta ou salesiana”, lhe disseram.

Em 30 de outubro de 1899 perde seu pai. Na noite de Natal daquele mesmo ano parte de Sorocaba para São Pau-

lo onde busca refúgio no Convento de São Francisco. Apenas um ano depois consegue seu intento e, na Igreja de Santo Antonio, na capital paulista, toma os primeiros passos junto à ordem franciscana.

Em 6 de agosto de 1900 vem a Piracicaba como noviço. Passou por Taubaté e por Campos Novos de Paranapanema. De volta a São Paulo, outros freis indicam-lhe a Europa como lugar para aprimorar seus dotes artísticos. Foi para a Itália em 1912 sendo pupilo de Antonio Meyer, da Escola de Veneza. Deixou várias pinturas em so-



São Fidélis no Seminário

lo europeu, algumas delas desaparecidas durante a Primeira Guerra Mundial.

Lá estudou obras de mestres como Veronese, Tintoretto e Ticiano. Influências que o seguiram até o final da vida. Voltou a Piracicaba em 1913 ficando por dez anos. Em 1917, Frei Paulo pintou, na Igreja dos Frades, o quadro de São Francisco recebendo os estigmas. Uma obra que mede 3 por 2 metros. É uma das mais bonitas obras que existem ainda hoje.

Residiu depois em Botucatu e Santos. Fez obras à óleo, terracota, aquarela, crayon, carvão, além de pintar não apenas a arte sacra assim como paisagens e natureza morta.

Em 1928 retorna a Piracicaba onde ficaria até sua morte em 11 de julho de 1955. Integrou o corpo docente que, em 10 de dezembro de 1928, instalou o Seminário Seráfico São Fidelis.

Teve sua saúde debilitada pela doença. Mas mesmo assim encontrou tempo para estudar o relógio de sol e as eclipses. Teve várias pinturas sobre os temas e construiu alguns relógios de sol na cidade. Foi um estudioso daquilo que os cientistas chamam de deslocamento do eixo da Terra.

Opiniões – Eugênio Nardin, ouvido por mim então com 88 anos, artista plástico, foi um dos pupilos de Frei Paulo. “Frei Paulo era uma pessoa que tinha liberdade para tudo e não se enroscava com papas na língua, era uma pessoa sincera e falava o que pensava”, lembra.

Foi bondoso por dar aulas gratuitas a adolescentes, sendo o primeiro professor de desenho no século passado na cidade. Nardin lembra que Frei Paulo “conhecia bem a perspectiva, estudava com a preocupação de ensinar as formas claras; tinha até uma técnica de cavalete para ensinar linhas de desenho e perspectivas, oferecendo ângulo visual para as pessoas conforme sua perspectiva visual”. Foi um ser humano ímpar, sem se abalar com as tristezas que a vida lhe apresentou como a morte do irmão, ocorrida na Santa Casa de Sorocaba quando reparava um afresco.

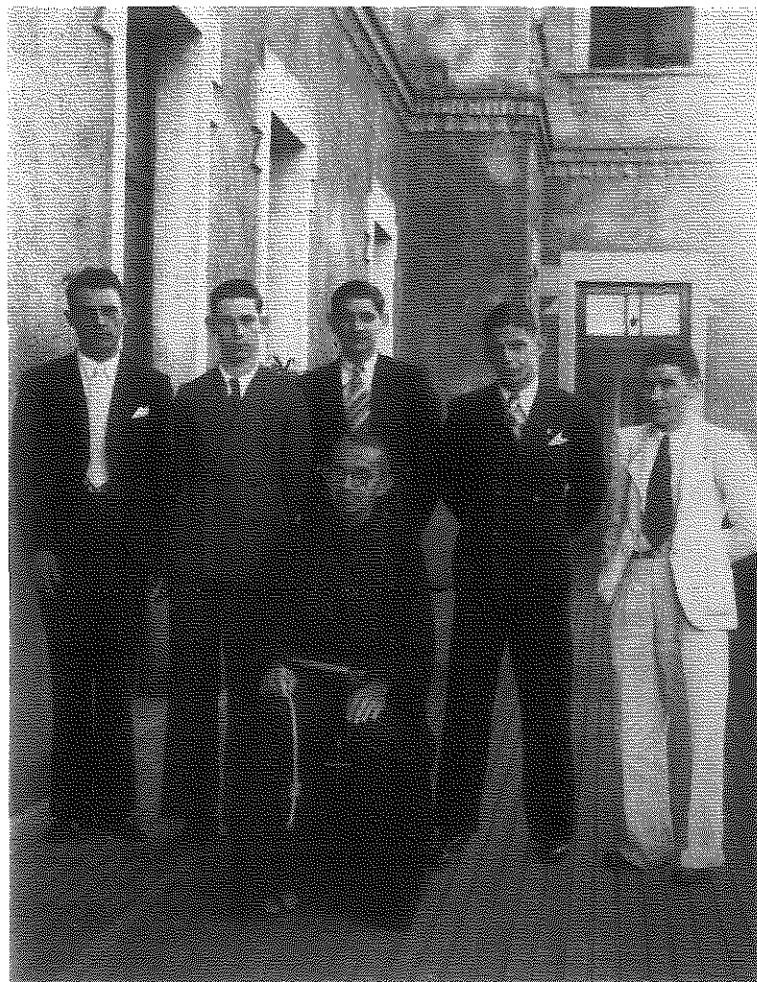
O primeiro aluno do Frei foi Angelino Stella por volta de 1920. Nardin foi um dos seus cinco primeiros alunos.

Para o artista plástico Eduardo Borges de Araújo, Frei Paulo de Sorocaba foi o precursor do ensino da pintura e desenho artístico em Piracicaba, depois de Miguel e Joaquim Dutra. “Ensinou e orientou uma vasta geração em Piracicaba, tendo cerca de 25 jovens que tiveram sua influência na pintura e se tornaram destaque na arte local”, diz.

Agora, uma questão que não consegue calar. Um homem santo, por que teria inclinação artística para a música e para a pintura? Borges argumenta que “dom é isso, pois, no caso da pintura, ela não escolhe a personalidade da pessoa e sim forma a pessoa; para ser um treinador de futebol ou um ator o profissional tem que possuir inclinação, estudar e aprimorar seu dom”.

Pena que a geração atual não conheça a contribuição de

Frei Paulo de Sorocaba à arte local. Piracicaba sempre foi um ponto de referência nas artes, servindo de celeiro na formação de grandes talentos. Borges lembra que além do resgate cultural é preciso conservar as obras como o que já ocorreu com a pintura de Mário Thomazi na Igreja Bom Jesus do Monte ou da Igreja do Monte Alegre pintada por Alfredo Volpi.

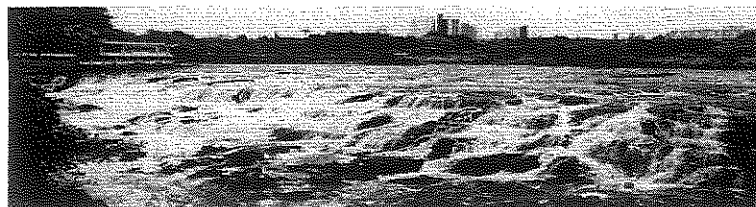


David Furlan, Waldemar Arana, Homero Scudeller, Eugênio Nardin e Aurelio Brossi.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA SILVEIRA

Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Rio Piracicaba



Vou deslizando por sobre as pedras, escorregando por entre as mais lisas ou pontiagudas, em borbotões que se lançam pelos ares respingando e formando um véu transparente. Às vezes, o sol se aproveita para colorir minha passarela e forma um arco-íris que vai se comunicar com um lago distante, e na corredeira, vou deixando pedras submersas ou desnudas na minha ânsia de ir serpenteando por entre as margens.

No meu remanso garças e biguás passeiam por entre aguapés floridos, à espreita de um peixe distraído, sem perceberem o perigo iminente. Abafo meu grito por socorro quando chegam as espumas assassinas! Malditos homens que me maltratam assim! Sentirão na própria carne o peso desse desvario! Onde estão os dourados, os curimatás, os jaús e pintados, que aqui não sobrevivem mais? São trazidos de longe para que os turistas possam comê-los nos restaurantes, certos de que foram pescados na Rua do Porto!

Vai o dia, vem a noite, vou viajando e passando por caminhos diversos. Encontro pescadores com suas varas de bambu, algumas até com molinete, que teimosamente, numa persistência insistente, lançam suas iscas em minhas águas, com pouco sucesso. Já ao cair da tarde, tanto esforço os leva ao cansaço.

Margeio restaurantes, a Casa do Povoador, o Engenho

Central, o Largo dos Pescadores, onde à noite me embalo com as músicas de seresta dos cancioneiros apaixonados pela Noiva da Colina, às quais acompanho alegre, com os meus compassos de chuá-chuá, do saudoso cantor Cobrinha..

Os botes cortam minhas águas deixando uma esteira prateada e borbulhante. Gosto quando eles me fazem companhia: é vitalizante! Os bonecos do Elias, estáticos me observam impassíveis... Eles me conhecem bem, sabem que ao passar, se estou bravo, sou como fera ferida, que avança, mata e engole as vítimas incautas.

Do que realmente não gosto é da poluição. São garrafas vazias flutuando e se enroscando em minhas margens. Até quando? Sou muito vaidoso e gosto de refletir as paisagens por onde passo, como se fossem pinturas de aquarela, mas nem sempre posso...

Transponho a Ponte Pênsil, a do Morato, do Caixão, sorrindo para quem atravessa. Os ranchos de pescaria, à beira d'água, geralmente na margem esquerda, eram usados também para o lazer da família.

Como os peixes hoje são bem menores, sei que os nativos daqui sentem muitas saudades do tempo da fartura, quando se tinha peixes "para dar e vender". É o sentimento de nostalgia dos que sempre me amaram!

O Clube Regatas tinha um famoso trampolim, que sempre foi usado sadiamente, para o divertimento, ou para torneios de saltos ornamentais. Esse clube tão tradicional, trazia para as minhas margens equipes de jovens nadadores, remadores ou outras modalidades de esporte aquático, que tinham cumplicidade comigo, pelo prazer do esporte que eu podia lhes oferecer.

De manhã ou à tardinha, eu tinha encontro marcado com os rapazes, que saíam das escolas, das faculdades ou do trabalho, e desciam à pé até às minhas águas, pois poucos tinham carro para se deslocarem e assim usufruir da minha energia.

Mas "na vida tudo passa". Espero ser tratado como um tesouro natural, modéstia à parte, pois sei que haverá dias melhores, se as pessoas de hoje, e as das futuras gerações, souberem me respeitar.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ESIO ANTONIO PEZZATO
Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra

Canto V Agricultura

Até mil oitocentos e cinquenta,
Canaviais dominavam nossos prados,
Depois os cafezais, de forma lenta,
Com esperança e fé foram formados...
Cana e café! Numa epopeia benta
Em nossos solos eram abençoados!
O café era o sangue que jorrava!
A cana era o suor da mão escrava!

Além da cana e do café havia
A cultura do arroz com muita gana,
O feijão de primeira serventia
Também vinha de forma soberana!
Porém, num amplo sonho de Poesia,
No idolatrado chão vibrava a Cana
Que forrava de verde os nossos prados
Deixando corações apaixonados!

As vastas plantações dos fazendeiros
Exigem muitos zelos permanentes:
São colonos cuidando, prazenteiros,
De toda a agricultura... São sementes
Selecionadas, são os bons viveiros,
Com mudas especiais e se, inclementes,
Rudes geadas atacam a fazenda,
O prejuízo nota-se na renda.

Por isso, os fazendeiros com cuidados,
De engenheiros da Escola Agronomia,
Evitam sempre os vales rebaixados
Para fugir à geada dura e fria.
Assim melhores frutos são formados
E alcançam sempre uma melhor valia,
Da maneira depois, justa e perfeita,
Tem início o trabalho da colheita.

Sob os pés-de-café faz-se a coroa
Para que nenhum grão fique perdido,
E o lavrador, com graças, abençoa,
O terreiro onde irá ser estendido
Todo o trabalho de uma safra boa.
Os grãos, sob o calor do sol brasido,
Pelo rodão vão sendo misturados
Para que todos fiquem ressecados.

Depois a grandes tulhas conduzidos
Espera-se a época melhor de venda;
Os lucros são somados, divididos,
E uma parte é aplicada na fazenda.
Lavradores felizes são reunidos
Nos terreiros, em frente da vivenda,
E saudando a colheita que findou-se,
Tomam canecas de café bem doce.

Cafezais estendiam-se a distância
Forando o chão de glóbulos vermelhos;
Era a riqueza que chegava em ânsia
Emoldurando sonhos com espelhos.
Sentindo as mansas aves a fragrância
Daqueles frutos, iam aos grupelhos,
Pousar naqueles líricos pomares
E ali mesmo teciam os seus lares...

Eram rolinhas que chegando aos centos,
Mil orquestras de arrulhos anunciavam;
A princípio de olhares bem atentos
Prontas para partir sempre ficavam...
Mas enquanto tiravam seus sustentos,
Distraídas, sequer elas notavam,
Que subia entre galhos, em manobra,
Sibilante, nefasta e horrível cobra...

Nestas horas, meus Deus! – pleno alvoroço! –
As rolinhas fugiam assustadas.
A cobra – parecendo só pescoço –
Jamais falhava em suas atacadas.
Ai! neste canto ainda parece que ouço
O arrulho das rolinhas apanhadas
Debatendo-se em última agonia,
Logo após o silêncio... A calmaria...

As cobras eram os reais perigos
Para os colonos, para os fazendeiros.
As cascavéis faziam seus abrigos
Em velhos e esquecidos cupinzeiros...
– Crianças não fugiam aos castigos:
Brincando nos imensos capinzeiros,
Para elas – um lugar do paraíso! –
Logo se ouvia o sibilar de um guizo...

Dessa forma os colonos, em alerta,
Tomavam sempre o máximo cuidado:
Quando era alguma cobra descoberta
A colocavam num caixão lacrado
E o Butantân era a pousada certa
Para que o réptil fosse aproveitado.
– O veneno que dava a morte em coro,
No Instituto era transformado em soro!

Quando o café era o ouro da lavoura
E enriquecia nobres lavradores,
Um pandemônio sem igual estoura
Trazendo aos fazendeiros muitas dores.
Em vinte e nove, fúnebre tesoura,
Corta sonhos, decepa mil horrores:
Imensos cafezais são destruídos
Matando lindos sonhos coloridos.

O desespero invade amplas fazendas
Onde a safra colhida apodrecia.
Mais parecendo fantasiosas lendas,
Tétrica realidade acontecia:
Outrora o riso fácil das vivendas
Era trocado por melancolia;
O preço do café caíra tanto
Que ao fazendeiro até causava espanto!

Fazendeiros por fim alucinados,
Ao ver a safra toda apodrecida,
Passam a ter momentos aloucados:
Para enganar e a safra ser vendida
Esborrifam nos grãos tons esverdeados
Imitando que neles ainda há vida;
Mas nos celeiros sacas apodrecem
E o desespero nos senhores – crescem...

O comércio gerado foi suicida:
Para levar a safra até o Porto
Não valeria a pena tal corrida.
A exportação fazia o sonho absorto
E o desespero vinha sem guarida.
A esperança jazia em vale morto
E para não se virem arruinados,
Pés-de-café ao fogo eram lançados...

... Depois imensos campos dizimados,
Era a visão funesta que se via...
Novelos de fumaça avermelhados
Contrastavam co'o céu numa agonia.
Os ricos fazendeiros alquebrados
Não tinham esperanças em tal dia.
E para completar tão negra sorte,
Muitos foram buscar a própria morte...

E foi desta maneira desumana
Que teve fim o ciclo cafeeiro.
Em lugar de café plantou-se a cana
Que foi adocicar o mundo inteiro.
E esta nova cultura, soberana,
Glorificou o solo brasileiro.
E a garapa, a jorrar grossa da bica,
Deixou Piracicaba bem mais rica!

Toda a cultura pródiga da cana,
Fazendo parte ativa do progresso
Da longa história piracicabana,
No século XVIII teve ingresso,
E a resoluta força interiorana,
Prevendo o largo veio de sucesso,
Estendeu canaviais, forrou de verde,
O solo que de vista além se perde...

E surgiram depois grandes usinas...
Os canaviais forravam as fazendas.
Por fim, dando a impressão de mil narinas,
Todo o céu se cobria de legendas
Co'a fumaça formando serpentinas,
Para a população criar as lendas
De sonhos, de riqueza alvissareira,
Neste rincão da Pátria brasileira!...

E os sonhos se tornavam realidade:
O gosto da garapa e do melado
Invadia de súbito a cidade;
E cada coração apaixonado
Sorria pleno de felicidade,
Por ver o próprio chão multiplicado.
E o caboclo cantava de alegria
Ao ver o seu trabalho ao fim do dia...

E nossa terra, a largos horizontes,
Ia sendo cantada e conhecida,
Nossos produtos eram como pontes
Ligando povos à paixão querida.
E nas várzeas, nos prados e nos montes,
(Onde entre flores é mais bela a vida!)
Nossas riquezas eram exportadas
Nas mais distantes vicinais estradas...

E quando estão em épocas de corte
Muda-se o movimento da cidade:
Caminhões são usados no transporte
Enquanto os bóias-frias, com vontade,
Neste labor cruel e muito forte,
Trabalham com insana intensidade.
As Usinas operam febrilmente
Produzindo o ouro branco reluzente!

Porém, para aumentar o desespero,
É ver crianças pálidas de frio
Lutando na jornada com esmero
Num transe que nos causa desafio.
A elas esse trabalho é um exagero
E provoca o mais tétrico arrepio;
Co'a cabeça coberta por um xale,
O que produzem muito pouco vale!

Muitas vezes não vão sequer à Escola,
Pois ajudam os pais nessa jornada.
Tal trabalho sequer vale uma esmola
À criança que está desamparada.
E com seus pés no chão, feitos de sola,
A pele toda fica enregelada.
Mas é esta a angústia que tal sonho vaza:
Precisam ajudar dentro de casa!

Assim, dessa maneira descabida,
Esse trabalho rende muito pouco.
O bóia-fria entrega a sua vida
Tendo o facão às mãos, num sonho louco,
De ver sua existência mais florida...
Às vezes, uma voz num canto rouco,
No denso canavial, triste e sozinha –
Murmura uma sofrida ladainha...

São famílias inteiras no trabalho
De levar para casa o seu sustento.
Mas a cana não serve de agasalho
Quando, rude e impiedoso, ruge o vento.
Às vezes o facão nas mãos faz talho
Tornando-se maior o sofrimento.
E uma *carreira* – tendo a vez de quarto –
Serve para a Mulher fazer seu parto!

Outras vezes, de jeitos subumanos,
Esses trabalhadores bóias-frias,
Após trabalhos trágicos e insanos,
Sofrem as mais infaustas agonias:
Caídos em ciladas ou enganos,
São roubados ao término dos dias,
Para mais aumentar tanto calvário,
Também são despedidos sem salário!

E as usinas não param no trabalho;
A jornada é constante e ininterrupta.
Jorra a garapa como negro orvalho
Junto às moendas, que na força bruta,
Trabalham no estridor de forte malho
Como se houvesse colossal disputa
Entre a Máquina e o Homem... E há quem pense
Que nesta luta é a máquina quem vence!

Embora faça parte do processo,
A queimada da cana causa medo!
Abre na terra um fundo e forte abscesso
E o espaço aberto fica imundo, tredo...
Parece que um demônio ímpio, possesso,
Despencando do inferno, num bruxedo,
Nos largos canaviais faz sua festa
Enquanto o fogo imenso a tudo cresta...

A terra ferve... Rolos de fumaça
Sobem ao céu num pandemônio imenso,
Fazendo mais crescer essa desgraça...
O ar pesado, poluído, grosso, denso,
Em toda a redondeza eclode, grassa,
– Parece que um turbúlo de incenso
Numa celebração de rito horrendo,
Célere passa em combustão, fervendo!...

As aves que fizeram os seus ninhos
Nas touceiras de canas verdejantes,
– Bicos-de-lacre, rolas, colheirinhos –,
Soltam pios sofridos, delirantes...
Não podendo salvar os filhotinhos,
Co'a chegada das tochas fumegantes,
No ímpeto de vencer feroz batalha,
Num voo vão de encontro co'a fornalha!...

Nossa luta é maior do que supomos
Pois invisíveis são os inimigos.
Produzindo em surdina seus assomos,
Envolvem nossos sonhos em perigos.
A nós restam somente horríveis cromos
E os mais inaceitáveis dos castigos.
Quando o vento produz rajada forte,
As labaredas têm poder de morte.

O forte fogo foge do controle
E além dos canaviais, matas invade.
Éolo parece ter imenso fole
Para mais alastrar sua maldade.
A labareda infame tudo engole;
Para prendê-la não existe grade.
Com força colossal os campos mina
Pondo névoas na Noiva da Colina.

Fogo feroz... Assim os usineiros
Nos densos canaviais, fazem queimada –
A noite brilha imersa nos luzeiros
Tornando-se uma tocha avermelhada.
Mais parece Satã, de olhos morteiros,
Soltando pela boca escalavrada
Fúrias, blasfêmias, gritos de vitória,
Após uma batalha merencória.

Piracicaba em frêmitos caminha,
Seus passos no futuro põe confiante.
Se nessa luta estóica está sozinha,
Mesmo sofrendo vai seguindo adiante.
A Palavra num grito vibra asinha
Mas a tocha de fogo fumegante
Crepita em canaviais e sangra vidas,
Deixando cicatrizes e feridas.

O deus do fogo de maneira insana
No vandalismo fere a fauna e a flora.
É a queimada maléfica da cana
Que faz chover carvão em plena aurora.
Assim a terra piracicabana
Desesperadamente sofre e chora,
Onde a angústia é maior do que se pensa,
Com o ar seco que traz dor e doença.

Mas mesmo assim Piracicaba luta
Para deixar seu céu mais claro e puro.
Porém, essa vontade resoluto,
Cava tumbas nos dias do futuro,
Pois a ganância, de maneira bruta,
Trava combate em campos de monturo
Vencendo com propinas e artimanhas,
Ardilando propostas e barganhas.

Dessa luta cruel que se apresenta
Que tome parte o coração caipira.
Abra o peito à maneira mais sangrenta
Mostrando o pus que a morte insana atira
Com vontade voraz, viril, violenta.
Se o fogo do progresso é uma mentira
E ilude com veludos e brocados,
Que os caipiras-guardiões sejam soldados.

Empobrecem assim a nossa terra
Que corre o risco de virar deserto.
Mas desvalida e insana é a negra guerra
Frente ao progresso que campeia incerto.
A Vida num espasmo, louca berra,
Mas é sempre maior o desacerto.
Porém, caminha e vai vivendo à míngua,
Já que para lutar, sequer tem língua.

Terpsícore e Melpómene abraçadas
Tecem tragédia e traçam treda dança.
Ambas morrem por fim intoxicadas
Porque já não vislumbram a esperança.
As terras antes ricas e adubadas,
Hoje trazem a morte por herança;
A tenebra a ser vista é tão imensa,
Que desconheço o canto para a crença.

Oh! Musas, para vós não há consolo,
Pois a visão é trágica e medonha.
Quando o homem for comer o último bolo
Já não lhe restará sequer vergonha.
O homem é mau, cruel, porém, é tolo,
Somente co'o ouro fúlgido ele sonha,
Porém tanto devasta a Natureza,
Que um dia ele há de ter vazia a mesa.

Avançando trincheiras das batalhas
Mostrando férrea força destemida,
Que não lute buscando áureas medalhas,
Mas tão-somente o continuar da Vida.
Se tecem nossas leis cheias de falhas,
Onde existe uma porta de saída,
Que o coração caipiracicabano
Seja um soldado, um gladiador romano!

Eis que o progresso avança a passos largos
Ferindo campos, rios e florestas,
Desrespeitando as leis com seus embargos
E tornando as paisagens mais funestas.
Com sabores de morte acres e amargos,
A poluição penetra pelas frestas,
Envenena dos rios suas águas,
Em nossas vidas colocando mágoas.

Eis o progresso estradas asfaltando!...
Mais parecendo imensos intestinos,
Dos nossos sonhos tudo vai matando
Engolindo de vez nossos destinos.
Dos pintassilgos já não há mais bando
Que outonos alegravam com seus trinos.
Sumiram as sabiás, os avinhados,
E espécies mil de pássaros dourados...

Eis o progresso salpicando em tudo
A fuligem da morte e da desgraça.
De belos cantos o presente é mudo
E é cada vez maior tão negra ameaça.
Ele nos cobre em colchas de veludo,
Oferecendo o brilho – por trapaça!
Com ares poderosos e sublimes,
Eis que o progresso vai ponteando crimes!

Tudo pode o progresso na investida,
Tudo engole na sua insana fome.
Mata o sorriso dizimando a vida,
Mancha estradas com sangue por seu nome.
Nada o detém na fúria destemida,
Não existe também força que o dome.
Procissão cadavérica que avança
E tudo mata em nome da esperança.

A ganância com garras assassinas
Assalta nossos sonhos mais ridentes.
Parecendo-se dóceis bailarinas,
Passa rangendo seus caninos dentes.
Soltando podridão pelas narinas,
É uma deusa de modos contundentes:
Mata a Esperança, nossos sonhos tolda,
E a impinge podre em nossa pele solda.

Tudo vence com suas fortes garras,
Tudo depreda com desgraça imensa.
Preso nos talabares das fanfarras,
Vomita, cavernosa, a sua crença.
Avança diques, centripeta amarras,
E deixa por nefasta recompensa,
Vales vazios, vasquejar da morte,
Na mais profana, hedionda e rude sorte.

Mas a mão da justiça tudo encobre
Sempre tece razões aos assassinos.
O céu azul transmuda em cor de cobre
Qual festival de horríveis bailarinos
Numa dança macabra, podre, pobre...
Ouvem-se gritos tristes e ferinos,
No festival de tanta atrocidade
Onde a ofensa é de pus e de maldade.

... Depois que o fogo rápido, envolvente,
Destruiu o canavial e suas vidas,
A gente olhando, superficialmente,
Vai divisando pútridas feridas...
O ar se mistura a um gosto pestilente,
Covas de terra sangram desnutridas...
E para coroar tal desencanto,
Do céu caem lágrimas de um negro pranto!...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

Piracicaba canta em prece

Piracicaba dos encantos,
Terra dos anseios mil.
Cantada em muitos cantos,
Deste abençoado Brasil.

Saudade de cada ausente,
Dói em nossos corações.
Seu rio se faz presente,
No mergulho das emoções.

Cidade que me viu nascer,
Berço que me enriquece.
Na oração deste amanhecer,
Piracicaba canta em prece.

XV nós o amamos

Que bom, quinzista ser,
Soa em cada coração.
Ao ganhar ou ao perder,
Torceremos com emoção.

No peito por vezes dor,
Na arena vamos avante.
Bravo, forte, lutador,
Eleva o XV adiante.

Se em tempos gloriosos,
Sua bandeira carregamos.
Hoje, muito esperançosos,
Dizemos: – XV, nós o amamos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Piracema e Piracicaba

São termos de origem tupi. O primeiro é aplicado ao fenômeno observado em certas espécies de peixes que precisam emigrar para fins de reprodução. Para vencer obstáculos, tais como corredeiras, saltos e pequenas barragens, os peixes se arremessam contra esses obstáculos causando muitas mortes. No caso do rio Piracicaba, o seu salto constitui um obstáculo para essa migração.

Assim, por época de sua fundação, já os exploradores encontravam os índios paiaguás acampados nas margens do salto, em busca da fácil captura dos peixes para sua alimentação, dando origem ao nome Piracicaba, que significa “lugar onde o peixe pára”.

Cana-de-açúcar

Planta da família Gramíneas, gênero *Saccharum*, principal espécie: *Saccharum officinarum*. É a principal cultura do município de Piracicaba, fornecendo a matéria prima para as usinas fabricarem açúcar e álcool.

IAA
Instituto do Açúcar e do Álcool

Órgão criado em 1941, com os objetivos de definir e dirigir a economia canavieira.

Era responsável também pela fiscalização das exportações e dos preços do açúcar e do álcool. Foi extinto em 1990.

ESALQ
Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Tradicional faculdade de Agronomia da Universidade de São Paulo, criada em 1901, graças ao idealismo de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que resolveu doar ao Governo do estado a sua Fazenda São João da Montanha, em 1892, para que nela fosse instalada uma escola de agricultura.

Além do curso de Agronomia, são ministrados outros cursos, como Engenharia Florestal. O curso de Economia Doméstica foi desativado em 1991.

Em 1964 tiveram início os cursos de pós-graduação em nível de mestrado, e em 1970, em nível de doutorado.

Atualmente existem também muitos programas internacionais para graduação.

Em 2017, a ESALQ celebrou os 15 mil profissionais formados pela instituição desde sua fundação em 1901.

CENA
Centro de Energia Nuclear na Agricultura

Criado em 1961, como órgão anexo da ESALQ para estudos de aplicação das técnicas nucleares na agricultura. Em

1968 passou a ser órgão independente, também filiado à USP-Universidade de São Paulo. Atualmente, além das pesquisas, o CENA promove alguns cursos de especializações.

Estação Experimental de Cana-de-açúcar

O IAC – Instituto Agrônômico de Campinas, órgão de pesquisa agrícola da Secretaria de Agricultura, mantém em Piracicaba uma Estação Experimental onde são realizadas pesquisas sobre cultivo da cana-de-açúcar, tais como: melhoramento de variedades, adubação, tratos culturais, etc.

Usinas de Açúcar

Piracicaba destaca-se pelo grande desenvolvimento da indústria açucareira, caracterizando-se pela presença de usinas e engenhos que transformam o caldo da cana-de-açúcar em açúcar, álcool e aguardente.

Atualmente existem na região de Piracicaba várias usinas e engenhos.

SINÔNIMOS DE AGUARDENTE

Aguardente é uma bebida alcoólica de grande consumo, obtida por destilação do caldo da cana-de-açúcar.

É uma das palavras com maior número de sinônimos, sendo conhecida por palavras e expressões tais como: cachaça, pinga, mé, mulatinha, branquinha, biritá, bichinha, caninha, caiana, bagaceira, dormideira, elixir, abrideira, brasileira, forra-peito,

maçaranduba, consolo, perigosa, santa-maria, santinha, curatudo, já-começa, linda, lindinha, levanta-velho, tira-juízo, quebra-goela, preciosa, urina-de-santo, mulata, número-um, marvada, tira-juízo, fogosa, água-benta, apaga-tristeza, curatudo, cascavel, saideira, elixir, azulzinha, danada, braba, purinha, mata-bicho, engasga-gato, abrideira, esquenta-por-dentro, cobertor de pobre, água que passarinho não bebe, e muitos outros.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Textos inéditos

Dias atrás, reorganizando meus arquivos, encontrei, dentre os meus alfarrábios, alguns textos poéticos, dos quais apenas um foi publicado. São originais de algumas poesias, concebidas na minha adolescência, que manuscreevi num caderno escolar com pautas, sem deixar de, ao final, registrar data e assinatura.

A releitura foi-me prazerosa. Contudo, trouxe-me, também, à mente, algumas indagações: por que escrevi tão poucas poesias, se farta foi a minha produção de crônicas, contos e outros gêneros? Seria a ausência de dom? Falta de inspiração. Ou alguns versos teriam provocado desgosto? Teria sido a dificuldade de produzi-las, quando a métrica, as rimas e outras regras eram impositivas? Incompetência minha? Não cheguei a uma conclusão. Decidi, então, não dar importância a essa constatação, uma vez que admiro as belas poesias!

Os textos inéditos também serviram para eu me lembrar de algo interessante. Li algures que os escritores, de um modo geral, começam suas produções literárias pela poesia, abandonando, com o passar do tempo, esse gênero literário. Verdade ou não, comigo isso aconteceu. Tenho escrito crônicas, contos e artigos para a imprensa em geral, porém não poesias.

Então, estou aproveitando o espaço reservado aos acadêmicos, para trazer a lume uma das minhas poesias, que escrevi em 11 de maio de 1953, quando tinha meus saudosos 16 anos, tal como está no meu caderno, ou seja, **sem fazer qualquer correção no original, a não ser na grafia e acentuação**. Assim, posso demonstrar que também já fiz poesia!

A VIDA

I

De manhã, o sol fúlgido nasce
À tarde, lento este sol morre...
O rio pequeno ou grande corre,
E o mar revolto dele faz-se.

II

Caminha lépido o segundo,
a hora voa desesperada...
E o homem se vê neste mundo,
Co'a vida toda e sem ter nada!

III

A vida: que é a vida?... No ar,
Paira essa imensa indagação.
Será ouvir um coração?
Será lutar ou será amar?

IV

Coração que bate incessante,
Coração que pulsa e estremece!
Coração? Somos nós! Amante,
Que vive e que desaparece!

V

Ama o que quer e o que não quer!...
Venera santos e o dinheiro!
O amor dele é corriqueiro.
Adora Deus, ama a mulher!

VI

Homem inútil e ignorante!
Queira-a bem, lute pela vida:
É tão minúscula e enervante
Mas vale a pena ser vivida!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Piracicaba, Terra da Viola

Piracicaba é famosa pelo linguajar caipira, fama essa que extrapola os limites regionais. Também conhecida pela fabricação das célebres “pamonhas de Piracicaba” – o puro creme do milho verde – e pela pinga, a popular cachaça. Sem falar no rio, cujo nome é propagado internacionalmente, e o famoso véu da Noiva da Colina, em razão das brumas que envolvem a cachoeira, parecendo um véu de tule como o de uma noiva no altar.

Por uma feliz iniciativa do CODEPAC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural), o linguajar caipira foi registrado como patrimônio imaterial cultural da cidade.

É preciso também difundir pelo Brasil e para o resto do mundo a tradição da viola caipira, pois nossa cidade é uma das pioneiras nessa arte popular. Não se pode deixar morrer uma manifestação cultural tão rica e que traduz a maneira simples do homem do campo, que tem por esse instrumento muito carinho, nele encontrando o companheiro certo para as horas de descanso. Nos momentos em que está em sintonia com sua viola é quando encontra paz e alegria.

Bastará um pouco de esforço conjunto para que se alastre também a fama de Terra da Viola. Antes que outras cidades interioranas o façam, é preciso reivindicar esse título que tem tudo a ver com o nosso jeito caipira de ser.

Os antigos violeiros vão morrendo e teme-se que essa modalidade seja enterrada com os últimos remanescentes dessa arte. Para isso é preciso dar uma injeção de sangue novo, fazer com que as novas gerações descubram e sintam a

beleza extraída do planger das cordas nas mãos de um violeiro apaixonado. É preciso descobrir maneiras de fazer com que os jovens tomem gosto pela moda de viola e levem adiante a tradição.

Piracicaba produziu uma infinidade de violeiros famosos, repentistas e cururueiros. E ainda restam vários deles, atuantes nesse ofício, e vira e mexe estão nas paradas de sucesso, verdadeiros patrimônios culturais vivos, a quem reverenciamos.

Se cada segmento da sociedade der sua cota de contribuição, essa cultura não vai morrer e se tornará patrimônio da cidade. A cultura popular agradece.

Rio de minha Terra

*“Minha Terra tem um rio
Onde cantam cachoeiras”
E os peixes na piracema
Abundam nas corredeiras*

*Que não sequem suas águas
Ou se tornem poluídas
Pois da força desse rio
Dependem milhões de vidas.*

*Não permita Deus que eu morra
Noutro local do universo
Longe de Piracicaba
Tão cantada em prosa e verso*

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira nº 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

Estrela Brasileira

Nhá Tita, casada com Fulgêncio, com as bênçãos do Padre Romeu, andava muito preocupada. Toda noite de céu claro, na hora certinha, Fulgêncio ia para o quintal e ficava olhando para o céu estrelado. Uns quinze minutos pelo menos. “Credospai! Que será que esse home deu pra maquinar? Será que está ficando caduco?” Diante de tal mistério, um dia comentou com a Comadre Tiana a nova mania do Gêncio, era assim que o povo o chamava. Ninguém se arriscava a perguntar-lhe o porquê daquelas suas idas ao quintal. A Comadre Aurora achou por bem que deviam fazer uma reza na casa do Gêncio. Aquilo estava parecendo arte daquele que não se deve nem falar o nome. A reza começou a ser feita com regularidade, sendo servido depois um café com bolo de fubá quentinho. O povo foi se acostumando. Padre Romeu já tinha deixado a paróquia, agora o vigário era o Padre João, que na verdade chamava-se Giovanni. Oriundo da Itália, adotou o nome João para ficar mais sonoro ao povo simples. Nunca precisou usar microfone, seu vozeirão cobria a igreja toda. Quando se inflamava, parecia um Moisés abrindo o Mar Vermelho. Entusiasmado com o fervor do povo, caprichava nos sermões de domingo, inspirando-se nos afrescos da Capela Sistina. Descrevia um trecho da pintura de Michelangelo onde um grupo de anjos, com suas cornetas, acordam os mortos que saiam de seus túmulos, em movimentos lerdos e entorpecidos. Os esqueletos iam sendo encobertos pela carne. Ao fundo, figuras de corpos robustos movimentam-se, deixando um vazio no centro, onde se destacam um grupo de anjos com suas trombetas, anunciando que era chegada a hora do Juízo

Final. Era um verdadeiro delírio entre os fiéis, de terror e fé. Esse sermão era repedido de quando em quando, entremeado por outros não menos pavorosos. O Padre Giovanni era um grande orador, um autêntico laçador de almas. Correu a fama do padre pelos povoados da região; homem santo, tinha poderes especiais. Domingo a igreja estufava de tanta gente. Muitos acharam que era uma construção maior do que a necessidade do povoado. Quando foi doada, por um barão dos bons tempos do café, mais parecia uma aquisição de indulgência dado o vulto dos investimentos na construção do templo feito pelo velho coronel, homem de muito dinheiro e dado aos prazeres mundanos. A nova mania de Gêncio, de olhar para o céu em noite de lua cheia, aliada à fama do padre, atraía cada vez mais a atenção dos curiosos. Vila Formosa do Riacho Fundo, foi ficando cada dia mais falada. Era reverenciada e temida. Não faltavam os oportunistas, mercadores "extra templum". Qualquer quartinho vazio, ou possível de ser esvaziado virava pensão. Vendia-se de tudo, de alimentos a vestiário, lembrancinhas, uma miscelânea invejável. Camisetas com os dizeres: "Gêncio da Lua, homem piedoso que vê o que se passa no céu". Padre Giovanni não gostava daquelas heresias, mas suportava. Era um povo ingênuo, crédulo, dócil, como a maioria dos brasileiros. Na verdade todo povo tem suas crenças e a de Gêncio da Lua era mais uma delas. Nhá Tita, Aurora e um séquito de beatas, começaram a sítiar os movimentos de Gêncio. Queriam por toda força que ele se confessasse com Padre Giovanni. Gêncio, jeitoso, escapulia, dizia que não era digno, enfim usava de todos os argumentos possíveis e imagináveis. Até que, Maria Clara, filha querida e prestimosa estava para dar a luz. Maria Clara era a doçura da vida de Gêncio. Mesmo depois de casada mimava o pai com docinhos, afagos, era a menina dos seus olhos. Geni, parteira famosa foi quem deixou tudo pronto para a hora em que o nascituro decidisse dar o ar da graça. Iniciado o processo do parto, o único barulho que se ouvia era o tic-tac do relógio, tipo carrilhão, presente de casamento quando Fulgêncio e Tita se casaram. Quem deu

foi Tio Lindolfo, padrinho de casamento por parte da noiva, dono de indústria, em São Paulo. Após intermináveis giros dos ponteiros a parteira saiu transpirando em bicas e decretou “Chamem o Dr. Cornélio!”

Dr. Cornélio, experimentado clínico geral total, único e absoluto daquele povoado, era um bom homem, tendo dedicado a sua vida toda ao que mais amava: a medicina. Sabia da competência de Geni, e quando ela o chamava era porque a coisa estava enroscada.

Com sua maleta recheada lá foi ele. Maleta de médico é como caixa de mágico, todo mundo quer saber o que tem dentro. Bastou uma injeção de ocitocina, por via endovenosa que provocava as contrações uterinas, finalmente nasceu Diane.

Foi uma explosão de alegria. E uma promessa havia sido feita: Gêncio havia prometido confessar-se, revelando seus segredos ao padre Giovanni.

Em horário anormal, cidade em silêncio, dois vultos dirigem-se a igreja. Padre Giovanni e Gêncio. Afinal o grande mistério do “Gêncio da Lua” iria ser revelado.

Após a liturgia própria para a ocasião, a pergunta reservada do padre ao fiel:

“– Afinal, homem, o que faz você ficar a olhar para o céu em noite de lua cheia?”

“– Bom seu padre, é que tem sobre nossa cidade uma rota de avião, fico olhando... olhando... naquela imensidão as luzinhas, aquele povo lá dentro... fico pensando como deve ser bom... eu morro de vontade de voar!”

Segredo de confissão é sagrado. A cidade continuou gerando turismo religioso e divisas, com a bênção do Padre Giovanni que respirou aliviado após a confissão de Fulgêncio. Com a cidade ganhando cada dia mais fama, Padre Giovanni era uma liderança indiscutível, e “Gêncio” no misticismo popular era figura admirada. Até ganhou uma estátua como cidadão emérito! Por conveniência ou comovido, Padre Giovanni conseguiu relizar os sonhos de “Gêncio da Lua”. Em uma das noites o céu foi cortado por um avião prateado da

VARIG, dentro, instalados comodamente em seus assentos. Gêncio da Lua e Nhá Tita. Mulher de fé, em viagem aérea para Natal. Nhá Tita rezou inúmeros terços até o destino. Quando pela janela do avião via as nuvens imaginava estar mais perto do prometido céu. É o que a consolava um pouco. Mas logo vinha o pensamento que a aterrorizava: “– Afinal voar é para passarinho! Mas é vontade do Gêncio e Padre Giovanni garantiu que a viagem é segura. Ao descer no então Aeroporto Augusto Severo, em Natal, viu um sorriso de menino estampado em Fulgêncio. Valeu todos os terços rezados durante o voo!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

Piracicaba

(HOMENAGEM POR MAIS UM ANIVERSÁRIO)

Piracicaba, noiva da colina
foi rota das bandeiras ao sertão,
nela a paisagem verde predomina
com belo rio que inspirou canção.

Povo amigo, leal que sempre opina,
luta com garra, fé, disposição
no dia-a-dia, exemplo de oficina
onde impera o trabalho e muita ação.

Cidade da cultura, com artistas,
escritores, pintores renomados,
Esalq, que a projetam além mar.

Rua do Porto, salto, lindas vistas
só nos deixam felizes, encantados
e gratos por ser ela nosso lar.



COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE
SODERO MARTINS

Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Reminiscências

Reminiscências! “Doce” palavra para se pronunciar. “Gostosa” de se dizer! Aprecio tal vocábulo. Representa lembranças de momentos únicos, vividos e registrados no mais íntimo do nosso Ego.

Para quem nasceu nos idos anos quarenta, inúmeros casos, histórias sobreviveram ao tempo para, sutil e agradavelmente surgirem na velha mente “pequenina” em meio às atribulações cotidianas.

Volto ao passado... Nuances de prazerosos tempos que se fizeram eternos, renascem suavemente nesta minha mente septuagenária. “Acordam-na” entremeando a agitação atual desta vida turbulenta, muitas vezes desconexa para quem viveu em épocas de segurança e tranquilidade, quer no seio familiar, em educandários públicos ou privados com excelente nível de ensino, ou no meio social de naturais, convidativos e agradáveis passatempos culturais, além das costumeiras e agradáveis visitas a familiares e amigos.

Quanta saudade da Piracicaba de outrora! Sem desmerecê-la nestes seus dois centenários e meio, tão moderna e hospitaleira, cidade de alma gigante, capaz de abraçar tantas raças e credos, desejo ressaltar sua beleza natural e encantamento durante minha infância e juventude, **através de coisas que vivi ou presenciei, fatos aqueles certamente desconhecidos e inimagináveis para as crianças e jovens de hoje.**

Posso ouvir ainda o barulho e a “campainha” dos bondes, rústicos, ao mesmo tempo majestosos e agradáveis, históricos meios de transportes da referida época. As três linhas

existentes atravessaram com toda a segurança as ruas da nossa pacata Noiva da Colina, para atender ao povo quer nas idas e vindas da escola, do trabalho, quer para passeios e diversões, sob a responsabilidade de competentes motorneiros. O pagamento pela passagem era feita por cobradores que andavam de banco a banco, sobre os estribos. Era curioso e oportuno observar as pessoas sentadas nos bancos reclináveis ou quando estavam cheios e os homens mais jovens ficavam em pé sobre os estribos. Eram três linhas distintas, todas saiam do centro da cidade para diferentes lugares: Escola Agrícola, nossa famosa ESALQ, Vila Rezende e Paulista, lugares tão distantes, atualmente tão próximos.

Ir à Escola de Agronomia era uma diversão saudável e segura. Quantos piqueniques nos belos gramados! Famílias se preparavam para os finais de semana livres do trabalho, da rotina, sem a doentia preocupação dos necessários, possessivos e ao mesmo tempo cansativos meios de comunicação da vida moderna atual.

Rumo à próspera Vila Rezende, então, era uma aventura deliciosa. Atravessar de bonde por aquela ponte antiga, era testemunhar o belo, a natureza em festa com seu volumoso e transbordante Rio, ainda sem a triste e preocupante poluição dos dias vigentes.

O bonde da Paulista subia e descia a famosa Rua da Boa Morte. Passava ao lado do meu inesquecível Colégio Nossa Senhora da Assunção, monumental educandário piracicabano. Como aquela Rua me intrigava quando era estudante e por ela transitava... Pensava questionadora: —Será que terão uma boa morte apenas os residentes desta rua? Incógnito e perturbador pensamento para uma criança...

Existiam poucas linhas de ônibus na época em que eu era menina. Eles faziam alguns percursos para atender à população do Bairro Alto, Paulista, Vila Rezende e Monte Alegre. Transitavam em velocidade permitida, tranquilamente, sem desgaste para os usuários, praticamente quase toda a população da cidade. As famosas “jardineiras” também estive-

ram dentre os meios de transporte de Piracicaba. Eram linhas especiais que levavam os proprietários e outros passageiros para os sítios e fazendas dos lados de Tietê, Anhembi, Botucatu e outras direções.

Eram raros os automóveis em Piracicaba, naquela época. Alguns, marca Ford/29, por exemplo; outros poucos existentes, carros mais modernos pertenciam às famílias mais abastadas. Era comum ver charretes circulando pelas ruas da cidade conduzidas por seus próprios donos ou como meio de transporte. Também tenho lembrança de carrinhos ou carroças movidos à tração animal que conduziam famílias mais humildes ou serviam como “banca de ofertas” para venda de produtos horti/fruti/granjeiros de pequenos produtores rurais da época.

Ah! Como não me recordar dos modernos e luxuosos trens, outrora existentes? Da famosa e arquetípica Estação Paulista partiam os trens para São Paulo com paradas em outras cidades durante o percurso, cujos vagões espaçosos e convidativos nos faziam viajar também em sonhos... Eram muito comuns também os rústicos e pesados vagões de carga para transporte de inimagináveis produtos para a Capital e outras regiões. Cheguei a assistir ao embarque de uma boiada em que os assustados animais eram encurralados, sem chance de defesa ou retorno... Era triste aos olhos curiosos dos que assistiam àquela barbárie, tão comum no passado, ainda mais sabendo que poderiam estar sendo levados para o matadouro...

E, por falar em bois, lembrei-me de uma cena verdadeiramente cinematográfica ocorrida na antiga Ponte do Mirante sobre o Rio Piracicaba. Assisti ao estouro de uma boiada que por ali atravessava. Num piscar de olhos, gritaria sem fim, correria desabalada dos animais e dos passantes e os cavaleiros condutores, completamente desnorteados! Nós, crianças muito assustadas, a exemplo dos adultos, nos escondemos no charmoso coreto do Jardim da Ponte, logo abaixo do saudoso Parque Infantil, onde hoje se encontra o Jardim da Biblioteca Pública. Tal coreto gracioso a compor o paisagismo daquele

jardim, foi demolido, infelizmente. Continua vivo, no entanto, nas lembranças e no coração daqueles a quem serviu de abrigo. Ficava exatamente onde foi construído o Hotel Beira Rio.

Minha cidade natal, a exuberante Noiva da Colina, da qual narrei condições e episódios guardados a sete chaves nesta mente anciã, ainda vive colorida no coração de muita gente contemporânea, que como eu, ama e respeita a Terra Moderna, aclamada por tantos e valorosos cidadãos, mas nunca se esqueceu da "Piracicaba Menina", a exhibir seus dotes, esplêndidas belezas naturais e formosura, em tempos muito abençoados.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
ÁGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

Declaração de amor à minha Terra

Eu te amei Piracicaba, desde os primeiros acordes da minha razão, desde os primeiros vislumbres do meu olhar encantado e estarecido, desde as primeiras palavras de amor que consegui balbuciar.

Amei teus caminhos antes de pó ou de pedra, depois nas ruas e avenidas asfaltadas floridas de flamboyant, de ipês de tantas cores explodidas maravilhadadas nesse chão de perfumes de delícias a comover os passantes embriagados de tanta formosura e encantos incontáveis... Amei os verdes de tuas árvores, as pequeninas e as frondosas, cujos galhos sempre foram um convite ao repouso e a vontade de não mais deixar de olhar... Amei teu rio, que acariciando o seu curso sempre foi um amante apaixonado e inebriado derramando seu amor nas tuas margens sedutoras e insaciáveis...

Desde o primeiro momento da minha razão te amei, Piracicaba, e te amei em alto e bom som, quieta ou ensolarada em tuas manhãs de deliciosa magnitude, ou barulhenta em teus sons e tuas canções, sem medo de gritar ao mundo este amor transbordante de ternura e de paz incontroláveis...

Eu te amei Piracicaba, desde o primeiro instante da minha razão! Como uma linda brincadeira quando criança, nas “amarelinhas”, ou no “passa anel”, no “pega-pega” ou “pulando corda...” Depois, te amei com tanta loucura quando mulher, e, te amei sorrindo, chorando, buscando, morrendo... Nos sorrisos extasiados pelos filhos que vieram trazendo a alegria louca do renovar a cada instante... Te amei nas lágrimas que surgiram e nas perdas que torturaram e machucaram, mas,

que não foram as vencedoras neste meu mundo que é tão teu e tão engrandecidamente majestoso... Te amei tantas vezes nas solidões que velavam o sofrimento que teimoso queria ganhar as batalhas de qualquer jeito, mas que jamais conseguiu... E... Te amei, Piracicaba morrendo, se preciso fosse para continuar a viver em ti e por ti, assim, apaixonadamente...

E, muito mais do que isso, o meu amor não está “esgotado” pelo tempo, pelo contrário é um amor que se renova e que revive mágico, grandioso e encantado, perdido nos controles, e, por isso, sem poder nem imaginar onde possa chegar ainda...

Apenas sinto que te amei tranquilamente, compridamente, horizontalmente e sem fim de um algo sem começo, sem hermetismo nem formas formadas, normalmente e muito... E tanto... Tanto! E, te amei longe ou perto, feliz ou infeliz, com graça e na desgraça...

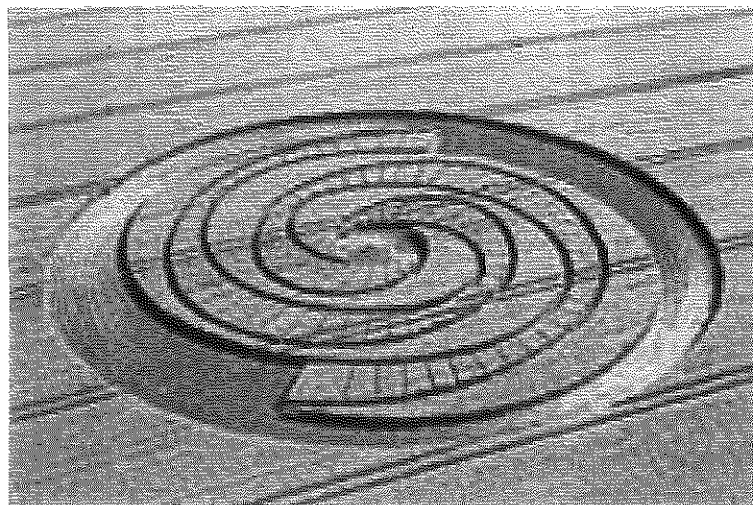
Eu te amei, te amo e te amarei para todo o sempre, terra de meus antepassados e do meu lar, dos que vieram de mim e irão continuar essa trajetória de respeito, admiração e deslumbramento que sempre senti por ti, minha terra tão abençoada!

E, quero assim, declarando o meu grande amor por ti, Piracicaba, a doce e linda Noiva da Colina cantar as emoções coloridas que trazes latentes em teu peito, e, te convidar a ser a minha enorme e infinita paixão por toda a eternidade!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI

Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

A sombra no chão



Aqui vai uma tímida e pálida teoria humanística para o tempo, este nosso amigo tão bom quanto implacável e inventível. O tempo vai passar, queiramos ou não. Quer façamos o curso, ou tranquemos a matrícula. Mudemos de país ou fiquemos por aqui. Vai passar. Até o horário de verão já passou. E o outono vem aí.

Quem nunca leu sobre a virtualidade do tempo? Na verdade, nós é que passamos e envelhecemos. Tal a dialética do nascer do sol: a essência e a aparência. Nós dizemos: “o sol nasce a leste e se põe ao oeste”, ou ainda, “tão certo como o sol vai nascer amanhã”. E a ciência destes fenômenos reside no fato de que existe o movimento de rotação da Terra em torno

de seu próprio eixo, o que resulta no dia e na noite. No seu giro, ora uma face do planeta está voltada para a luz do sol, ora está no escuro. Na passagem da noite para o dia, dizemos que “o sol nasceu”.

Bom, mas e o tempo? Se ele passa para nós e para os super-heróis da tevê, para a moda, para os costumes e o comportamento, passa para a Terra também. Tenho algumas teorias que vou construindo ao sabor de humildes reflexões. Não pretendo ter seguidores, como no twitter da vida; apenas ousar apresentar ao leitor a temporal temática do que é real e irreal: o tempo.

Para uns o tempo é mera questão de lógica. Além do senso comum que, em geral, poucos questionam. Levantam quando o despertador toca, tomam café, vão para o trabalho, almoçam, retornam ao trabalho e no fim do dia voltam para suas casas. Para outros, o tempo é uma realidade palpável, demonstrável, uma equação bem resolvida. E há os que conseguem a superação da rotina diária.

Mas, certamente, para todos nós, o tempo é um elemento vital. Basta ver a linha da sombra no chão. Ela vai avançando, à medida que as horas passam, enquanto a luz solar vai mudando de tom e de posição. Mas há uma outra inspiração acerca deste tempo que vai além da projeção da parte sombreada.

Estamos imersos na temporalidade de todas as coisas e isso é irreversível. Tente lutar contra. É impossível. Ontem, éramos jovens, nossa pele era firme, a coluna uma fortaleza e a vida uma valsa eterna. Hoje, conhecemos melhor o ferrão da finitude. Sentimos algumas dores pelo corpo, precisamos de uma ajuda cosmética e nossa energia baixou um pouco. O que houve com o tempo e a linha do sol?

Estamos em órbita. E há tanto a fazer antes que o tempo passe. Uma amiga querida me diz que nós, as viúvas, não podemos perder uma só oportunidade (a parte bela da vida, sabe?). Pois, argumenta ela, “o tempo está passando”.

Sim, minha doce amiga, o tempo está passando. E não

há nada a fazer. Para os viúvos, idosos, casados, solteiros, jovens e crianças. Para todos os que trilham a sua estrada neste planeta, virá um dia após o outro, na imensidão da nossa galáxia, no brilho da estrela Vega. E lá vai o astro-rei, e lá vamos nós e assim será. Ninguém pode perder nenhuma “oportunidade”. Cada um agarre a sua, aperte bem contra o peito e, à noite, antes de dormir, agradeça a Deus, faça uma prece, porque isso é o que conta na vida. Sobretudo, a oportunidade de amar.

Ah, que o tempo não passe, sem que tenhamos amado o necessário e o suficiente. Que a inexorável marcha dos ponteiros não nos encontre apáticos e insensíveis, quando ainda há tempo para dar e receber amor, todo tipo de amor. Amar pode deter a passagem do tempo: esta é a minha teoria. Abraçar o outro, saber expressar o amor, beijar a barriga da filha que espera um menino, dizer “pai, eu te amo”, “mãe, você é maravilhosa”, fazer um elogio, tudo isso faz parar o tempo.

Amar não deixa ninguém envelhecer. O amor é o antídoto para a suposta velhice, o elixir milagroso da juventude eterna. O amor é o remédio ideal que combate todas as dores, as do corpo e as da alma. É a grande descoberta para os seres “que passam”. E estamos todos de passagem.

Na contagem do tempo, o passado de cada um é algo bem íntimo, enraizado nos fundamentos do coração. Quanto eu amei? Quanto me doei? Quanto abracei, beijei e disse “eu amo você”? Quantas vezes eu soube expressar meu amor, minha fé, minha esperança, não apenas para mim, mas principalmente para o outro?

É este o tempo precioso, inestimável, digno. O tempo que passamos amando, o tempo gasto no amor. A sombra no chão jamais concorrerá com as horas vividas na plenitude do amor.

As pessoas dizem que vivemos num mundo sem amor. É porque já não vemos mais o amor como ele era antes. E porque a caridade esfriou em muitos corações. Deus Pai, o que faz o amor! Do que ele é capaz! Poucos conhecem sua

têmpera, seu domínio, sua soberania! Cuidado quando forem amar. Prudência com os arroubos do afeto. Cuidado com a força do amor...

Passará...



Por que choras, passarinho? Por que estás longe do ninho? Ora, linda avezinha, vem aqui ficar na minha. Vamos juntos de passeio, como quem a nada veio. Dá-me tua asa penada, que a longa madrugada será o nosso recreio.

Tu te calas porque é noite, e eu te acolho com carinho. Porque emites sons tranquilos, não competes com os grilos no teu canto de mansinho. Lua alta se derrama no granito da cozinha. Um luar que vejo torto quando a noite se avizinha.

Passará a mágoa, o pranto. Passará a dor da espera, co-

mo a luz de uma quimera, como sublime acalanto. Vem pra perto, amiguinho. Tu te achegas no meu braço, que será o teu regaço para onde te aninho.

Passarão todas as horas, passarão todas as dores. E meus olhos nesta espera é uma esfera toda em cores. Por que rimo, passarinho, por que rimo assim à toa? Não te espantes com meus versos, pois a rima nem é boa...

Reconheço, passarinho, que sou frágil como és. Temos esta natureza de nascer, viver, morrer. Mas se podes, vem comigo, vive sempre ao meu redor. Tua vida pequenina, junto a minha, meu amigo, torna tudo tão melhor!

Quem me dera, passarinho, quintanares Deus me desse! Para ouvir a voz do vento nas ruazinhas tão nuas. Onde lá no fim do mundo, há dores minhas e tuas. Quem me dera, quintanares! De Quintana a prosa bela, numa noite insone e triste ver estrelas na janela.

Passará, meu passarinho, esta dor de esperar. Para ver de novo o certo, como o certo há de ser. Para que haja sentido em nascer, viver, morrer. Ou senão, minha avezinha, de que vale o que se vive? O que tenho, o que terei, ou mesmo o que nunca tive?

Tu tiveste, passarinho, meu jardim de moradia. Vi quando vieste esperto beber água à luz do dia. Pois bebeste desta água que é tão tua e é tão minha. Que me mata a sede e a fome, onde poso de rainha. Sem um cetro, nem coroa, sem um reino pra reinar. Realeza é minha casa, como vida é tua asa, para que possas voar.

Se me entendes, passarinho, passa aqui sempre que podes. Passarei nas tuas penas o meu lenço ensopado. E enquanto te socorro, tu te apressas e me acodes. Fica assim bem combinado nosso pacto sagrado. Gente e ave se entendendo, num momento abençoado.

Passará, meu passarinho, esta dor sem medição. Tu não sabes quanto sofro na visual confusão. Quem deixou assim confusa a minha vista, assim? Ah, vida de tantos brados! Há enredos bem traçados, como amores bem flechados. Ai de mim!

Vem te despedir, amigo, nesta noite mansa e clara. Faz um frio siberiano, mas meu corpo nem repara. Pois me aquece a esperança e uma lembrança rara. Passará, meu passarinho, toda dor, toda tristeza. E verei teu voo ao longe – que beleza, que beleza!..

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Piracicaba em seus 250 anos

Invejável é a tradição de Piracicaba. Poucas cidades podem orgulhar-se de uma história tão rica, de um passado povoado de nomes ilustres, nomes que irradiaram talento, formação e cultura pelo país.

O município que ostentou o mais alto padrão de cultura do país, era materialmente pobre no primeiro terço do século passado. Neste tempo, contudo, havia aqui uma constante ebulição intelectual e artística que projetou grandes nomes como Sud Menucci, na liderança e elevação do ensino; Léo Vaz na literatura e no jornalismo; Tales de Andrade na literatura infantil; Marcelino Ritter na redação de um dos maiores jornais do mundo, o Estado de São Paulo, Lourenço Filho nas reformas do ensino em outros estados, Moacyr do Amaral Santos no Supremo tribunal, Mario Neme na direção do Museu Paulista; Salvador de Toledo Piza nos congressos internacionais; Vizioli na defesa dos canaviais.

Era a Piracicaba de Lagreca, de João Siveira Melo, de Pedro Krahenbül e Pedro Crem, Antonio Pinto, Osório de Souza e tantos outros. Filhos da terra e por adoção como eu, todos sentiam o ambiente, a alma da cidade, uma alma diferente que influenciava a sensibilidade e estimulava a pesquisa intelectual. Cultuava-se a beleza, a ciência e a arte, uma influência tão grande que despertava no forasteiro o desejo de integração, transformando suas concepções.

Após esta efervescência que durou muito tempo, sobreveio a industrialização, e com ela a riqueza. Hoje, como contrapartida natural, os problemas avultaram. O crescimento desordenado, a superpopulação, a violência, a poluição e o

detrimento natural generalizado no país, vitimado por crises sucessivas no campo político e moral afetaram as administrações, algumas delas medíocres, com efeitos danosos para a população e a cidade. Mesmo assim, a qualidade de vida ainda é boa e os olhares de seus administradores são atentos.

Toda cidade deve ter seus limites de expansão, respeitadas as condições de sua infraestrutura, afim de que o preço de um desenvolvimento relativo não seja angustiante.

Não se atiram para o ar uma tradição e uma história, cujas raízes continuam vivas. Desde sua fundação, como sede natural de uma região histórica, estas raízes se instalaram, definindo atitudes, evoluindo sem abdicar de seu espírito. Os valores aí estão e são muitos. Como esquecer os contemporâneos que nos precederam e pugnaram pelas boas causas? Jacob Diehl Neto, o jurista e grande estilista, arguto e mordaz, seu irmão o historiador Júlio Soares Diehl, o casal Leandro Guerrini e Jacanã Altair, o grande jornalista Losso Netto, o benemérito médico Samuel de Castro Neves, Afrânio do Amaral Garbogini, professor e crítico musical por excelência, Otaviano de Assis e Acary de Oliveira Mendes, das lides jornalísticas, Flávio de Toledo Piza, o mestre humanista e cronista, instrutor de tantas gerações, Laudelina Cotrim de Castro, José Rodrigues de Arruda, Jethro Vaz de Toledo, Elias de melo Ayres, Jair Toledo Veiga, Demóstenes dos Santos Correia, João e Archimedes Dutra, Alberto Tomazzi, os primorosos artistas do pincel, Marina Tricânico, a poeta e tantos outros que nos deixaram um legado idealista, cujos exemplos jamais poderão ser esquecidos.

Todos eles e tantos outros polemizaram e lutaram, atentos aos problemas de sua terra e de sua gente; todos eles enobreceram sua terra com sua contribuição, com seu trabalho digno, com seu legado.

Sobre este legado repousam nossas esperanças. Sobre os valores vivos que o herdaram, Piracicaba constrói seu presente e seu futuro, projetando-se como a cidade palpitante e viva, de legítima tradição, abençoada por seu padroeiro Santo Antonio!...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO NEWMAN RIBEIRO SIMÕES
Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres

Henrique Cocenza

Henrique Cocenza:
acabaste enterrado
em Cristina,
uma aldeia que
não sei em que canto
das Gerais pode ficar,
mas sei que é tua,
tanto quanto
Piracicaba foi
em tua vida

amaste Pira
com o mesmo fervor
com que amaste Cris:

sabendo-se pastor
de palavras,
fazendo delas
matéria solar
que rega todas as fontes
com o mesmo
silêncio que queima

Um silêncio como prefácio

Sabe-se que o silêncio é pedra.

E na sua agudez – palavra.

(SALGADO MARANHÃO)

Eu nunca pensei que o silêncio pudesse me dizer tanto!
Para tanto, bastou encontrar um silêncio que fizesse
parte de mim. Afogado em meio a tantos
estímulos sensoriais, como imaginar um silêncio sem luz,
sem dor, sem solidão, sem nada?
Divirto-me com a espera do silêncio breve,
prestes a se acabar. Amedronta-me o silêncio que se
prolonga sem indício do fim.

Como pode algo, que é nada, ter a extensão
definidora da alegria da pressa e da angústia da demora?

Silêncio, em si, é cio pronto para se engravidar de palavras.
Sinto que esse silêncio, feito de tempo e luz
– e que me habita –, crepita feito grito a explodir.

É próprio do poeta tagarelar sobre segredos do mundo,
tomando o outro por confidente dos próprios mistérios.

Mas, por quais caminhos percorrerá o silêncio para
nascer sozinho e, depois, carregar, em minha alma,
a alma dos jardins e das rochas?

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

A Carta *Lectiones Vitae*

Alguns acontecimentos são por demais marcantes em nossa existência para serem esquecidos, e tornam-se fatos que não só alicerçam nossa existência bem como nos moldam, fazendo com que nos tornemos pessoas mais tolerantes e auxiliadoras àquelas que necessitam de nós.

Sempre foi tradição dentro de nossa família o hábito de viajar. No início da década de 1960, lá estávamos nós mais uma vez nos aventurando por este Brasil afora. Já tínhamos consciência que a Cachoeira de Sete Quedas seria definitivamente apagada de nossa visão quando o lago de Itaipú fosse enchido. Também havia o desejo de se conhecer a cachoeira de Foz de Iguaçu*.

Isto nos levou a mais uma aventura, onde participaram minha mãe Antonieta Busatto Alleoni, minha irmã Maria Ruth Busatto Alleoni, eu e um amigo da família, Joseph Luyten. Nesta aventura, feita em um Jeep, passamos por diversas localidades como Curitiba, Vila Velha, e bem como nos desviamos da rota para conhecer uma colônia holandesa, Carambeí. E este último é o ponto que desejo ressaltar.

Chegamos a esta localidade já ao entardecer. Uma pequena colônia neste tempo, extremamente bonita, com ares totalmente diferentes, que mantinha as tradições, uma comunidade de holandeses no Brasil. A língua habitual falada naquele tempo era o holandês, que Joseph falava correntemente. Mas houve um problema: não havia possibilidade de onde nos hospedarmos bem como termos uma refeição quente.

Para estranhos recém-chegados numa comunidade es-

trangeira, fomos extremamente bem recebidos, e uma família nos ofereceu abrigo e alimentação aquela noite. Foi algo de excepcional à visão não só de um garoto de 15 anos bem como à das outras pessoas. Até hoje lembro-me do frio que passei, mesmo com toda a roupa que tínhamos, bem como as que esta família nos cedeu.

Ficamos extremamente gratos à recepção nos oferecida, bem como eles não aceitaram nenhum tipo de gratificação que foi oferecida. E ficamos com uma dívida moral com esta família, que espero estar podendo ajudando a retribuir hoje em sua memória por aquela acolhida, abrigo e alimentação quente daquela noite gélida.

Acredito que nada acaba dentro da existência enquanto mantivermos vivos em nossas mentes os acontecimentos, pessoas e seus exemplos, e pudermos fazer com que se tornem presentes nela e de outras estas experiências. A morte só existe quando há total negritude e esquecimento. E com este pequeno gesto, gostaria de lembrar e reafirmar a nossa gratidão a esta família, reproduzindo a carta que recebemos depois relatando as fatídicas ocorrências que seguiram após nos conhecermos....

Seja como for, foi uma lição de vida, que permanece vívida até hoje em minha mente, e espero, seja exemplo para outros...

Peter Manger
Lutcher – Candoi
Caixa postal 1284
São Paulo**

Candoi, Município de Guarapuava, 1 de julho de '63

Meus caros amigos:

Finalmente estou escrevendo-lhes sobre tudo aquilo que aconteceu ultimamente.

Durante os 14 meses que moramos na colônia holandesa de Carambeí, Município de Castro, tivemos uma vida de bastante atividade. Lutamos com dificuldades, mas também tivemos dias de alegria e encontramos boas e sinceras amizades. Só para dar um exemplo, quando Erna fez anos, estávamos sem empregada alguma. Então duas amigas novas e casadas deixaram sua própria casa e foram ajudar Erna dois dias para preparar coisas gostosas para a noite de festa.

Mais tarde arranjamos duas empregadinhas, uma brasileira e outra holandesa e durante a estação de verão, tivemos quase sempre famílias que vieram veraneiar. Naturalmente isto deu muito trabalho, mas também satisfação de fazerem uma porção de novas amizades com famílias distintas de Curitiba, como também algumas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Meados de fevereiro tivemos uma folga, pois as últimas famílias saíram. Muita folga ainda não foi, porque estávamos novamente sem empregada.

Ainda como sempre acontece, quando os hóspedes saíam, houve uma quantidade tremenda de roupa para lavar. A menina holandesa, apesar de ficar cada vez mais preguiçosa, ao menos fazia a lavagem, e Erna, com sua enorme força de vontade e grande energia, fazia a parte do leão dos serviços domésticos. Tanto nas suas capacidades de trabalho, como na sua fisionomia, não parecia uma mulher com idade de 63.

Desde setembro do ano passado eu estava trabalhando no escritório da Cooperativa Agro Pecuária Batavo Ltda, de Carambeí, com um horário comprido, a saber das 7:30 até as 17:30, e assim tinha pouca oportunidade para ajudar na casa. Entretanto naquele dia que foi um domingo, eu estava diante do seguinte problema: o trabalho que daria esta imensa quantidade de roupas seria demais para Erna, então, somente me restava fazer uma parte, e resolvi lavar toda a roupa na máquina no mesmo domingo depois do jantar.

Assim, mandei recado à organista de reserva da Igreja Reformada Holandesa, pedindo ela para tocar à noite no cul-

to em português que o missionário holandês costuma dirigir duas vezes por mês naquela igreja. Para esta gente calvinista, lavar roupa num domingo à noite, não é coisa que se faz, porém naquele dia não tinha outra escolha.

A 1 hora da madrugada, toda a roupa estava na terceira água limpa e fui me deitar.

Quarta-feira, dia 20 de fevereiro foi o aniversário de uma boa amiga nossa, Mina Goolkate, casada com Henk Goolkate e, no mesmo dia, pouco antes do jantar, tive a visita de um velho amigo, a saber o Sr. R. A. M. Vermeulen, que já era cônsul holandês naquela colônia, e que me avisou que sua filha arranjava um bom emprego para mim na firma Lutcher S.A. Celulose e Papel em Candoi, Município de Guarapuava, Estado do Paraná, onde uma grande fábrica se acha na sua última fase de construção.

Com esta notícia Erna se alegrou muito, porque ela gostaria de sair da colônia e, também a nova situação permitiria a ela de descansar do excesso de trabalho que tinha feito.

Então, fomos até a festa e todo mundo achou que naquela noite Erna estava bem alegre.

A festa também, estava muito animada e dançava-se bastante, até Erna o fez várias vezes. Eu não dançava com ela sabendo que isto foi esforço demais para o coração dela. Depois da última dança que ela fez, todas as poltronas estavam ocupadas, então Annie Aard com outra amiga, se levantou para Erna sentar. Depois, ela disse: "*Felizmente estou sentada outra vez*", e Annie se sentou no braço da mesma poltrona. Poucos instantes depois, Annie viu de perto o que então aconteceu. Erna deu um forte suspiro, olhou para cima e.... a cabeça dela caiu para traz na poltrona.

Foi mais ou menos onze e meia da noite.

Uma moça presente, que trabalha como enfermeira, disse que sentia o bater do pulso dela, por isto, mandou fazer respiração artificial. Mais tarde, chegou uma das enfermeiras diplomadas que mora na colônia e que constatou que o pulso dela não bateu mais. Algum tempo depois, disse que os

homens que alternativamente tinham feito os exercícios de respiração já podiam parar.

No meio do salão de Henk e Mina, onde se dançava tão alegremente, o corpo de Herna foi deitado em uma cama, coberto de um lençol.

Em lugar da alegria barulhenta, veio o silêncio e todos ficaram, na espera da chegada do médico de Ponta Grossa. Este, depois de chegar, somente pode constatar que Erna passara para vida eterna.

Um depois do outro, os presentes me apertaram a mão, porém, eu ainda não pude me dar conta do que tinha acontecido.

A cama foi colocada em cima da caminhonete aberta de Henk e eu me sentei ao lado dele.

E isto foi a nossa volta da festa alegre.

Em casa a enfermeira me pediu um lençol limpo para cobrir o corpo, porém eu não sabia onde estava a chave do respectivo armário. Somente vi numa cadeira um pequeno resto de roupa que eu lavara no domingo passado. É fato que Erna, com toda sua energia tinha passado uma grande quantidade de roupa, porém não chegou a fazer tudo. Assim, um lençol deste restinho foi passado e posto em cima dela.

Finalmente, pude deitar-me. Foi 3 horas da madrugada.

No dia seguinte, às 8 horas da manhã, tocaram os sinos da igreja, assim como é costume na Holanda e às 15 horas, um dos pastores reformados, trabalhando na colônia, dirigiu um culto curto em casa. Nossa sala e a varanda se encheram com amigos e o caixão foi colocado na mesa da sala.

Depois uma fila de uns 15 carros foi devagar ao cemitério e quando chegamos perto da igreja, os sinos tocaram outra vez.

Na cova aberta, o mesmo pastor, a saber o Rev. William V. Muller, dirigiu o culto, falando belas palavras confortadoras que emocionaram a todos. De um dos hinos cantados dou a seguinte tradução:

*“Nunca a fé pode esperar demais,
As palavras do Salvador são seguras.
Muitas vezes, aos amigos terrestres, faltam forças,
Mas nunca a um amigo como é Jesus.
Oh! Felicidade eterna, impossível de medir,
Passará o estado de sermos estrangeiros aqui na terra,
E estaremos na pátria celestial”.*

Em 1938, no enterro de minha mãe, a pedido de meu pai, o mesmo hino foi cantado. E agora, 25 anos depois, longe da pátria, cantamos este belo hino outra vez.

De volta em casa, não tive tempo para meditar, foi necessário agir para resolver meus problemas. Felizmente encontrei amigos de bom coração. Assim, Annie Aardoom deixou sua casa com família aos cuidados da empregada e foi tomar conta da minha durante uns dias. Depois, veio outra família que mudou para minha casa, ajudando lá onde pudesse.

Assim, 8 dias depois eu pude ir a Candoi, que foi uma viagem de mais de um dia, e arranjei o emprego.

De volta a Carambeí, fui arrumar as coisas que quis levar comigo e fiz o inventário do resto. Isto foi porque já se apresentou um comprador para a casa com tudo que estava lá dentro. Depois de 15 dias, tudo estava pronto para sair. O negócio que fiz foi uma troca com Henk Goolkate e agora tenho 50 H.A. de terra, não longe da colônia.

Agora, no momento que escrevo isto, já passaram 3 meses de serviço na nova função. Os dias são muitos compridos a saber das 8 as 18 horas, com 1 ½ de interrupção, porém, o tempo passa depressa porque, como secretário do chefe de produção tenho bastante serviço variado.

Eu acho a fábrica bem grande, porém, quem conhece a fábrica de celulose e papel da Klabin em Monte Alegre, Paraná, acha a fábrica aqui muito pequena,

Vivo numa vila de alguns 4.000 habitantes a 3 horas de ônibus da pequena cidade mais próxima, que é Guarapuava.

Fora da fábrica, escritórios armazéns, oficinas mecâ-

nicas, etc. A firma já se construiu 200 casas e sempre estão construindo mais, tem um salão grande para cinema, onde também fazem missa, um grande refeitório para empregados, um hotel onde tomo minhas refeições, oficinas de marcenaria, estação de água potável, escola e estão construindo uma estação hidroelétrica.

Alojamento, cinema e condução são gratuitos. Há um ônibus original, em cima de um caminhão pequeno construíram uma cabina com 24 lugares sentados, e rabo deste veículo consiste numa escadinha.

Eu moro numa casa contendo 3 quartos pequenos, cozinha e banheiro. No início, 6 homens estavam hospedados nela. Eu sempre fui privilegiado, porque tinha um dormitório para mim só, é que dormia na cozinha tendo água corrente. Hoje vou mudar para outra casa igual, onde um engenheiro russo, um medidor de terras com 67 anos de idade, e eu serão os únicos inquilinos.

A casa fica a mais ou menos 1 Km de distância do hotel. Gosto de fazer isto a pé, exceto no tempo de chuva, quando os sapatos ficam colando na lama. No lugar sempre tinham florestas e, assim, há uma camada de uns 10 cm de puro húmus que dá esta lama.

Ontem fiz uma coisa que nunca fizera antes, isto é, tocar no harmônico durante a missa. Também me pediram para ensaiar cânticos par ser cantados durante as missas.

Depois de 4 ½ séculos de franca hostilidade entre as duas principais correntes de cristandade, o mundo está finalmente se lembrando das seguintes palavras que Jesus falou na oração sacerdotal, a saber: "... *para que todos sejam um*". Na Holanda já há muita aproximação. Fazem grupos de estudo e grandes reuniões em conjunto, de modo que hoje já não há inconveniente algum que um protestante toque na missa.

Meus caros amigos, estou no fim desta triste história. Escrevo-lhes esta carta, não somente para relatar como foram os últimos dias de vida da minha querida Erna mas também para agradecer a todos quanto mostraram sincera amizade a

ela e também a mim. Não podendo escrever a cada um separadamente, escrevo esta carta em 8 vias.

Obs:

* – Alguns admitem a grafia Iguassú enquanto outros utilizam Iguazú

** – Ignoro porque Caixa Postal de São Paulo se a cidade é no Paraná. Mas mantive o original da carta.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA RAQUEL ARAUJO DELVAJE
Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

Só mais um poema de adeus

*“Meus sentimentos transbordantes
Deságuam feito cachoeira
Em tardes geladas”.*

I

Agora vou me fechar
Vou explodir dentro de mim
Algumas e muitas sensações

II.

Dizer adeus deveria
ser considerado uma hipérbole.
Deveria haver um decreto
Onde banissem os adeuses.

III.

Sinto que o adeus é um ônibus,
Que leva embora os sonhos da gente!
Ida...
sem volta!

IV.

Eu sabia que ia doer,
Mas o que seria de mim sem a dor
Se já me acostumei com ela?

V.

Eu vejo-me mudando.
A transmutação desse momento
É intensa
Porém, já virei borboleta
O que virá agora?

VI.

O vento soprou a leve brisa
Era uma tarde estranha
Entre o real e o surreal
Aqueles tardes que nem
Sabemos que temperatura tem
Aqueles tardes que nem sabemos que existem,
Porque estamos necessariamente
Em nossos pensamentos.
Em algum lugar que não é tarde
E que não sopra a brisa.
Mas é mundo também!

VII.

Às vezes eu vejo
Pequenos pássaros
Que vão voando no céu
E dá uma vontade louca
De voar também!

VIII.

Já invejei um urubu!

IX.

Quantas vezes olhei para o céu
Somente em contemplação!

X.

E quantas vezes me encerrei
Em silêncio
E quantas outras que não dormi
De tanto barulho
Em meu coração.

XI.

Mas agora
Como sempre
E como em toda a eternidade
O problema é o adeus.

XII.

Foi o adeus
Que condenou
muitos olhares
Às estradas
Aos mares
Aos túmulos.
Foi o adeus,
Que desinforme,
Invejou a união
E desprezou e cuspiu
Em tudo que pudesse
Ser alegre.

XIII.

Foi o adeus!

XIV.

Os adeuses apagam
As chamas dos sorrisos.
Esfriam os cafés
E não comem os bolos.
Tudo é o adeus!

XV.

Maldito seja o adeus!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

Majestade

À distância pouca
das retinas silentes,
os resíduos de prata
nas águas densas
– que fluência obstinada
em marulhar doce...

Uma névoa londrina
desfocando mágoas,
esperanças iluminadas
pelo verde noturno.

À frente, o rio,
majestade caudal
subtraindo melancolias.

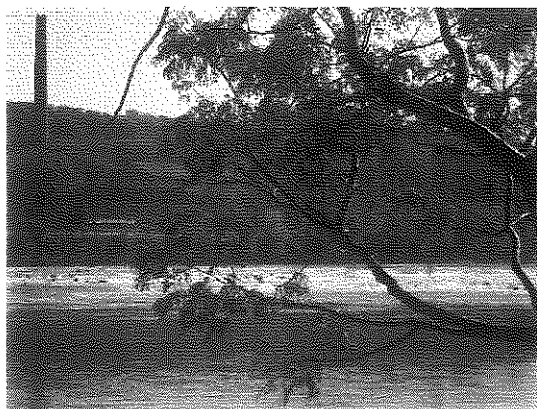


Foto: Rio Piracicaba, 2016 – Arquivo dos poetas Irineu Volpato / Sílvia R. de Oliveira)

Varonil

Tanto me lembro...
seus corredores, pátios e salas,
classes, carteiras e lousas,
bancos, bebedouros, sanitários,
vitros, armários e o relógio... Me
lembro da escola
sua história, sua estrutura,
sua atmosfera, sua glória !
Seus diretores, professores, inspe-
tores e mestres
seus saberes, suas dores e posturas.
Me lembro tanto...
dos alunos em três turnos,
dos colegas, dos amigos verdadeiros,
dos namoros primeiros,
dos amores quisera eternos...
sorrisos tantos, brincadeiras ternas.

E quando se cantava o hino e a
bandeira era hasteada ?
– tanta compostura,
quanta reverência...
Meus Deus, que alegria infantil
passar hoje por minha escola
– toda ela –
cruzar seu jardim
– todo ele –
dos roxo-amarelo ipês,
passar os pés na memória
dum tempo que nos adoleceu
– tudo isso ainda tão meu ! –
e nos viu querendo ser – gente de bem,
do “Moraes Barros varonil
que com exemplo edificou
a alma pura do Brasil.”



COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO
Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Orquídea branca

Sempre gostei de flores – Mas, o que hoje aqui vou relatar é um fato ocorrido recentemente.

Antes, porém, uma justificativa: há muitos anos quando ainda exercia a profissão de bióloga, recebi, em cursos de atualização que sempre fiz, uma pesquisa sobre os sentimentos das plantas: li nesse livro as preferências delas por cores, sons, músicas. Fiquei, na ocasião, muito admirada e, pude, por algumas vezes, confirmar essas experimentos.

Sei, por exemplo, que se desenvolvem muito bem ao som de música clássica, gostam de penumbra, conversas carinhosas... entre outros fatos comprovados em laboratório.

Mas, o tempo passou, aposentei-me e, esqueci dessas experiências.

Continuei cuidando e amando as plantas, a natureza.

E, o que hoje me entristece muito é ver edifícios de apartamentos com belos terraços, sacadas, sem nenhum vaso de folhagens ou pequenas flores, jardins mal cuidados. O ser humano esqueceu-se completamente de que as plantas, além de sua beleza e perfume ajudam a melhorar nossa qualidade de vida...

Prefere o concreto, ou vidro, ou ar condicionado... o asfalto rígido nas ruas sem espaço para se plantar uma única árvore!

Alias, pergunto-me sempre: onde estará aquela “Piracicaba cheia de flores” de nosso hino...

Voltando agora à orquídea branca: há uns dois ou três anos, uma de minhas irmãs ganhou um lindo vaso de orquídeas brancas. Ficou durante algum tempo enfeitando nossa sala.

Quando as flores secaram, coloquei-o, num canto da sacada de meu apartamento, junto com outros vasos de orquídeas. Meses se passaram, e eu, como sempre cuidando com carinho de todos.

Os outros vasos de orquídea voltaram a florescer e enfeitar e perfumar meu ambiente. Mas, o vaso de orquídeas brancas – nada! Continuei cuidando dele mesmo assim. Até que, recentemente, após todos os cuidados redobrados com esse vaso, lembrei-me das experiências sobre sentimentos das plantas. Tive uma conversa seriíssima com ela – e dei um prazo para ela reagir ou iria colocá-la no lixo!.

Pois muito bem! Exatamente dois dias depois, ela soltou um pedúnculo enorme, que se encheu de botões e agora florescido, voltou a enfeitar minha sala. Comentei o fato, fiz fotos e agora, todos os dias, agradeço a esse vaso pelas lindas flores que abriu!... Acreditem se quiser.

Concluí que, nem sempre só carinho resolve... Até com as plantas, uma bronca de vez em quando faz muito bem...

Aos que acreditam, façam a experiência... vai surpreendê-los. E, aos que não crêem, termino com um verso de Olavo Bilac:

*“... ora, direis, ouvi estrelas...
Certo perdeste o senso...”*

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky
Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

Minha Vila Independência

Para os índios, os Tekohas compreendem uma área que fornece todos os recursos naturais e estratégicos para o desenvolvimento das comunidades indígenas. Os recursos compreendem a floresta, água, alimentos, plantas, animais etc. Há uma relação espiritual dos índios com esses espaços. É uma delimitação do território que não segue os limites estabelecidos pelos não índios.

Eu também tenho o meu Tekoha. Fica em Piracicaba, na Vila Independência, bairro onde nasci, brinquei quando criança e me relacionei com aqueles amigos de verdade que fazem parte da família para o resto da vida.

O meu Tekoha é formado por alguns quarteirões entre as ruas Barão de Piracicamirim, Dr. Alvim e Bela Vista, além da Igreja São Judas Tadeu. Foi nesse pequeno espaço que minha família se estabeleceu na década de 1960 e permanece até os dias atuais.

Várias famílias, constituídas em grande parte por professores da Esalq, se relacionaram nas décadas passadas e criaram vínculos de muita amizade e amor. Foi um momento muito especial para todos que puderam participar das reuniões familiares, piqueniques, festas de aniversário, viagens, entre tantos outros momentos de alegria e união.

Assim como acontece com os índios, estas famílias se desenvolveram a partir de diversos recursos e serviços disponíveis nessa pequena parte da Vila Independência. Apresento, a seguir, algumas pessoas e estabelecimentos que foram fundamentais, entre as décadas de 1960 e 1980, para a definição da história da minha vida e de minha família e que represen-

tam, também, um pouco da história da Vila Independência.

O ponto central e mais importante deste meu espaço era a venda do seu Turino (Otorino Ducatti), localizada à Rua do Trabalho, 793, na esquina com a Rua Barão de Piracicamirim. A criançada se reunia quase que diariamente neste estabelecimento para consumir guloseimas, bater papo, jogar bolinha de gude, andar de bicicleta, jogar bola e brincar de pega-pega e bandido e mocinho. Paçoca sempre fez muito sucesso entre todos e era consumida em grande escala. Todas as famílias tinham conta na venda do seu Turino, facilitando muito a compra e o consumo da garotada. Bastava pegar o produto e marcar na caderneta. Ao final do mês, algumas contas assustavam os pais pelo alto valor que os filhos gastavam com os doces consumidos. A venda tinha alguns assistentes. O mais conhecido de todos, nós chamávamos de seu Gênio (Eugênio Maestro).

Quando as famílias precisavam de uma ajuda maior para lavar as roupas, que eram muitas pela grande quantidade de filhos, dona Rosa entrava em ação. Sua casa, localizada à Rua Barão de Piracicamirim, 1920, tinha um gramado muito grande na frente do terreno onde as roupas eram estendidas para secar. Os lençóis brancos sobre o gramado verde chamavam a atenção. A casa ao fundo do terreno, transformada em lavanderia, era de muito trabalho, com montanhas de roupas e um calor infernal.

O pão diário era fornecido pela venda do Turino ou pela Padaria São Judas Tadeu, situada na rua Dr. Alvim, 2053. Em alguns momentos andávamos um pouco mais até a Padaria São Benedito, da família Queiroz (Adolpho Carlos de Souza Queiroz), na esquina da Av. Independência com a Rua João Sampaio. Atualmente, este local é ocupado por outro estabelecimento importante do bairro, o Varejão Independência.

Para tirar cópias, a família Degaspari estava sempre a postos. Situada à Rua Barão de Piracicamirim, 1928, o serviço desta família atendia também grande parte dos trabalhos gráficos de professores e estudantes da Esalq. A gráfica está funcionando até hoje.

Quando os pais precisavam de reparos nos automóveis, a oficina mais próxima era a do Cid (Alcides Diehl) e seu sócio Eduardo, localizada num terreno aos fundos do número 1891 da Rua Barão de Piracicamirim. A oficina atendia todas as marcas, mas o Eduardo preferia os veículos Ford. Para reparos na lataria, o serviço podia ser realizado no Pixurim (Luís de Jesus Albertini), Rua do Trabalho, 700. Quando jovem, precisei deste serviço para endireitar uma das rodas do carro do meu pai que amassei nas curvas da agronomia. Atualmente, a família mantém um lava rápido neste endereço.

As mães e filhas faziam cabelo, pés e mãos na dona Santana. A Zezé também era muito requisitada. Quando criança, lembro de cortar o cabelo no Gibeli, barbeiro situado à Rua Dr. Osório de Souza, número 640. Sobre o Gibeli, preciso abrir um parêntese para contar um caso real, patético e tragicômico, em que fui o ator principal. Uma das diversões em casa era escorregar no longo corredor usando água e sabão em pó. Todos os irmãos e amigos corriam e se jogavam de barriga ou de costas no chão ensaboado para curtir alguns metros de diversão deslizando livremente. Por falta de freio, bati a cabeça numa soleira de granito e um grande buraco na cabeça se abriu. Logo em seguida, mesmo antes do corpo esfriar devido à brincadeira, minha mãe me levou para cortar o cabelo sem saber do ocorrido. Seu Gibeli começou a cortar o cabelo e, ao mostrar o corte à minha mãe, acabou levando a culpa por ter cortado minha cabeça. Minha mãe reclamou muito do serviço e o barbeiro entrou em desespero. Meu silêncio nesse episódio me perturba até hoje.

Quando o pneu da bicicleta furava, a garotada visitava o Queginho (Formaggio), borracheiro ao lado do Posto Agronomia, na rotatória da caixa d'água, Rua Edu Chaves. Era um ótimo lugar para passar o tempo conversando sobre qualquer coisa. Nessa época os pneus dos carros furavam com muita frequência, diferente do que verificamos atualmente. Hoje, neste mesmo lugar, há uma locadora de veículos.

Cortar grama era com a dona Maria, moradora da Rua

do Trabalho, 765. A jardineira dava um trato nos jardins e quintais da maioria das casas do bairro. Ela trabalhava com seu chapéu de palha e roupas que cobriam todo o corpo para evitar o sol e os espinhos. Marquinhos, seu neto, deu continuidade aos trabalhos de jardinagem. Atualmente, poucas casas possuem jardins como antigamente, com grama e canteiros com flores e roseiras furadoras de bolas de futebol.

O quintal da criançada se estendia para os parques e outras atrações da Escola Agrícola (Esalq). Todos os gramados viravam campos de futebol e as árvores um trapézio de grande aventura. A liberdade das crianças na agronomia era total. Meu irmão quebrou o braço em vários lugares ao cair de uma goiabeira na Esalq, na área dos cavalos (Departamento de Zootecnia). Eu só escutei o barulho da queda. Voltar da agronomia com cortes, escoriações e picadas de formigas e abelhas era normal.

A maior diversão para os meninos sempre foi jogar futebol. A Escola Agrícola era o local preferido. O campo mais próximo ficava num terreno atrás da Igreja São Judas Tadeu, na esquina da Rua Barão de Piracicamirim com Carlos de Campos, onde atualmente está o Edifício Green Park Residence. Mas o grande sonho das crianças era transformar o terreno da Barão de Piracicamirim, 1806, em campo de futebol. Alguém da prefeitura enviou um trator para derrubar o muro e limpar e nivelar o futuro campo em que seria o mais novo ponto de encontro da garotada. Por infelicidade de todos, o pneu do trator furou ao passar sobre as ferragens do muro. A retroescavadeira ficou por semanas no terreno aguardando por reparos, torturando os futuros craques de futebol. Infelizmente, o sonho de um campo próprio acabou por aí.

Dona Dora cozinhava em quantidades para alimentar uma família inteira. Era chamada para ocasiões festivas e especiais, que exigia grande quantidade de comida. Mudou-se depois para a Av. Carlos Botelho, mas os serviços continuaram a atender as necessidades das famílias do bairro.

Praticamente todos os vizinhos fizeram reformas nas

casas. Dois pedreiros se destacaram, seu Lico e seu Nardo. Para a compra de brita, areia e terra, tínhamos o Fessel, na Rua Dr. Alvim. Para assuntos do setor imobiliário, contávamos com os serviços do seu Varisto (Evaristo Marques), fundador da Imobiliária São Judas Tadeu.

Numa porta lateral no mesmo prédio do Turino, à Rua Barão de Piracicamirim, 1845, diversos serviços se revezaram ao longo de décadas: açougue, oficina mecânica, funilaria e pintura e, mais recentemente, a fábrica de bijuterias de Judite Delazaro. Hoje há uma oficina de funilaria e pintura.

Seu César, do estabelecimento Eletrônica Cezar, situado à Rua Samuel Neves, 2324, consertava as TVs de muitos moradores do bairro. Para comprar bombinhas para as festas de São João, comemoradas em junho, era preciso andar um pouco mais até o bar do Italiano, localizado na Dona Eugênia, 2242, no cruzamento das ruas Dr. Osório de Souza e Dr. Francisco de Castro Lagreca.

A Rua Dr. Alvim contava, ainda, com uma serralheria, no número 2076, e a quitanda do seu Nelson, na esquina da Rua Dr. Osório de Souza. Alguns quarteirões acima, na Rua do Trabalho, as compras eram realizadas na venda da família Bandeira, também conhecida como supermercado Bom Preço.

A Igreja São Judas Tadeu também fazia a alegria de todas as crianças. O terreno grande e espaçoso sempre foi um excelente espaço para brincar, jogar bola e andar de bicicleta e skate. Algumas crianças foram batizadas pelo Padre Otto (Otto Van der Burgt) ou Padre Henrique (Henrique Ribeiro da Fonseca). Estes estiveram à frente da construção da igreja que conhecemos atualmente.

Apesar de nunca visitar, sabíamos da existência da fábrica de balas Beré. Quando brincávamos no último quarteirão da Rua Barão de Piracicamirim podíamos sentir o cheiro de doce no ar, momento que mexia com a imaginação e as lombrigas das crianças.

Um dos prédios que mais chamava a atenção nesse pedaço da Vila Independência era o do Hospital Espírita Cesá-

rio Motta Júnior, localizado na esquina da Rua do Trabalho com Dr. Alvim. Por muitas vezes presenciamos pacientes nus correndo pelas ruas do bairro fugindo do hospital. Era sempre um motivo de preocupação para as mães. Hoje, esta história lembra muito bem um filme de terror.

Grande parte dos serviços relacionados acima não existe mais. A cidade de Piracicaba cresceu e mudou muito e novos estabelecimentos comerciais apareceram. Mas as memórias permanecem, com um sentimento de gratidão a todas as pessoas que contribuíram para o sucesso das famílias do bairro Vila Independência.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

Atos e fatos culturais – 1900/1950

No ano de 2000, comemorando o primeiro centenário do Jornal de Piracicaba, os professores Samuel Pfromm Netto e Carlos Roberto Soderro Martins fizeram o lançamento de excelente trabalho denominado “Pena, Escudo e Lança”, com segunda edição em 2003, obra cujo conteúdo se divide em duas partes, sendo a primeira, “Biografia de um Jornal Centenário”, rica em informações históricas da nossa imprensa escrita e a segunda parte, “Cronologia Piracicabana do Século XX”, resumo de exaustiva dos autores no JP, deixando para o público interessante sequência de fatos ocorridos de 1900 a 1999. De forma feliz, oportuna e elogiável, os autores não se esqueceram da área cultural e, em particular, de fazer citação de lançamentos ocorridos e observados na citada imprensa. Cremos que muitos destes lançamentos e muitos de seus autores não sejam do conhecimento dos que hoje vivem em Piracicaba. Por esta razão, e acreditando que não haja objeção, tomamos a liberdade e a iniciativa de pesquisar e reproduzir as informações pertinentes.

1900 – Almanak de Piracicaba, organizado por Manoel de Arruda Camargo, ministro protestante, literato e tradutor de obras inglesas.

1902 – “Esboço Político e Biográfico de Prudente de Moraes”, folheto de 14 páginas de autoria do Dr. Leopoldo de Freitas.

1906 – Em resposta a ataques à obra de Eça de Queiroz, Francisco Lagreca, publica “Em defesa do Mestre”.

1909 – “Leitura Manuscrita”, livro organizado por Camilo J. Araújo Lellis, professor residente em Itapetininga, que reproduz textos de escritores de prestígio, alguns deles piracicabanos.

1912 – “Palestras sobre Plantas”, de autoria do Prof. Benedito Corte Brilho.

“*Solfeo para las escuelas*”, de autoria de Lazaro Rodrigues Lozano, impresso na Alemanha; no mesmo ano, impresso pela tipografia do Jornal de Piracicaba.

“Piracicaba e sua Escola Agrícola”, de autoria de Mario Sampaio Ferraz, impresso na Europa.

1914 – Piracicaba 1914, almanaque editado por Roberto Capri, impresso na Itália.

1916 – “Composições Musicais”, editado no Rio de Janeiro, álbum com partituras de Benedicto Dutra Teixeira.

1918 – “Alma contemporânea”, coleção de ensaios e primeiro livro de Sud Menucci, editado em São Paulo.

1919 – “Porque não me ufano de meu país”, de Francisco de Castro Lagreca, editado em São Paulo.

1922 – “Cidade do Amor”, livro de contos de Francisco Lagreca, menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras.

1923 – “Apologia da Arte Moderna”, ensaio de Francisco Lagreca, com prefácio do escritor português Antonio Ferro e capa do artista e professor riopedrense Octávio Prates Ferreira, editado em São Paulo.

“Humor, ensaio sobre as suas causas determinantes”, prefaciado por Monteiro Lobato. Editado em São Paulo.

1924 – “Minhas Memórias”, livro de leituras infantis dos professores Leonor da Silva Gomes e Orlando Martins Lino, publicado pela Editora Antonio Tisi de São Paulo.

1925 – Em terceira edição sai o livro “Alma Nova” de Francisco Lagreca, verdadeira cartilha de cidadania responsável, Editora Casa Maiença de São Paulo, “premiado e recomendado pelo governo do estado de São Paulo” para as escolas primárias do Brasil.

1926 – O professor de Piracicaba Francisco Faria Netto, que estreara na literatura didática destinada às crianças com o livro “Coração Brasileiro”, lança a primeira edição do livro “Pirulito”, primeiro livro de histórias infantis, em edição da Livraria Liberdade, publicação em várias edições nas décadas de 20 e 30, seria adotada em todo o país para o ensino da literatura.

1930 – “As cobras venenosas e o problema ofídico em São Paulo”, de Salvador Toledo Piza, professor da ESALQ, é citado pela Cia. Rothschild, de São Paulo.

“A crise brasileira de educação”, de Sud Mennucci, é publicado e recebe o prêmio da Academia Brasileira de Letras.

1932 – “Bagunça”, romance de David Antunes, (Iago Joé). “Cem anos de instrução pública”, “Brasil Desunido” e “O que eu fiz e o que pretendia fazer”, todos de Sud Mennucci, editados em São Paulo.

“Epopéia Piracicabana”, impressa em Piracicaba, de autoria do Prof. Antonio Moraes Sampaio, geógrafo, historiador, vereador e educador.

1933 – “Leonor Cabral”, poema dramático de Breno Ferraz do Amaral é editado pela Cia Editora nacional de São Paulo.

“A Grande Guerra” (poema) e “A Questão Social Brasileira e a sua Situação Nacional”, livros do Prof. Pedro de Mello são lançados e impressos em São Paulo.

1934 – “História do Diário Oficial”, de autoria de Sud Mennucci, publicado em São Paulo.

1935 – “Linguagem em ação”. Publicado pela tipografia Cupolo de São Paulo, de Maria Antonieta de Mello, que em 1927 estreara com o livro infantil “O presente do anão”. Escritora, professora e tradutora.

1937 – “Incenso e pólvora”, de David Antunes, romance ambientado nos acontecimentos de 1932.

1938 – “O precursor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama”, de Sud Mennucci, na conceituada coleção Brasileira da Cia Editora Nacional.

1939 – “Flor de Maio”, livro infanto juvenil da escritora piracicabana Jaçanã Altair Pereira Guerrini, pela editora Melhoramentos.

“Dia Garimpo”, da poetisa Julieta Guerrini (“Julieta Bárbara”) com prefácio de Raul Bopp, edição de José Olímpio, Rio de Janeiro.

1940 – “O castelo pegou fogo: noções de melancolia”, de Hildebrando Seixas Siqueira, com prefácio de Menotti Del Picchia, publicado em São Paulo pela editora Cadernos da Hora Presente; posteriormente, com tradução em inglês e espanhol.

“Nossa Fé”, do piracicabano Pe. Francisco da Rocha Bastos, editado em São Paulo.

“Piracicaba em reforma judiciária”, obra do juriconsulto, historiador e biógrafo Sebastião Nogueira de Lima.

“caminhos Perdidos” romance de David Antunes, editado pela Livraria Universitária de Niteroi.

1941 – “Donana Sofredora”, contos de Mario Neme, lançado pela editora Guaira de Curitiba.

“A cidade dos brinquedos”, poesias de Mariana Tricânico, com prefácio de Nuto Sant’Anna da Academia Brasileira de Letras.

1942 – “O Evangelho por sobre os telhados”, publicado em São Paulo, do padre Francisco Antonio da Rocha Bastos.

1943 – “História da Fundação de Piracicaba”, de Mario Neme, primeira edição, impressa em Piracicaba por João Mendes Fonseca. “Movimento Literário”, coleção de crônicas e conferências de Antonio Oswaldo Ferraz.

“Glórias brasileiras”, primeiro do dois volumes de biografias romanceadas de Francisca (Chiquinha) Neves Lobo, editado em São Paulo.

“Machado de Assis”, novo livro de Sud Mennucci.

1944 – “Mulher que sabe latim...”, livro de contos de Mario Neme, Edição Flana de São Paulo.

1945 – “Plataforma da nova geração”, de Mario Neme, inquérito literário junto aos intelectuais mais destacados do País. Editora Globo de Porto Alegre.

“Briguela”, romance de David Antunes.

“O cancionero escolar”, coletânea de canções escolares, de Erotides de Campos em colaboração de de Anísio Ferraz Godinho e José Pouse de Toledo, e prefácio de Elias de Mello Ayres.

1946 – “Em torno da antropologia”, de Salvador Mota de Toledo Piza Júnior, impresso em Piracicaba.

1947 – “Química Orgânica”, do Prof. Luís da Silveira Pedreira, pela gráfica Siqueira de São Paulo.

“Lavou Ra cafeeira paulista”, de José Stevão Teixeira Mendes, “Horizontes noturnos”, livro de contos de Oswald de Almeida Fischer, publicado no Rio de Janeiro pela editora A Noite.

“Cururu”, estudo de João Chiarini, publicado pela Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, e premiado pelo Departamento de Cultura da Capital.

“Poetas da minha terra”, da piracicabana Francisca (Chiquinha) Neves Lobo, com prefácio do escritor Silveira Peixoto.

1948 – “Rodrigues de Abreu”, do pastor evangélico Guttenberg de Campos, editado em Bauru.

1950 – “Botânica divertida”, de Anísio Ferraz Godinhopela editora Melhoramentos de São Paulo.

“Pintores de minha terra” de Chiquinha Neves Lobo, composto e impresso na Linográfica (São Paulo), com as biografias dos irmãos Dutra e de Almeida Júnior.

Este levantamento certamente incompleto da primeira metade do século XX demonstra a riqueza da cultura piracicabana e inúmeros autores que possivelmente já tenham sido esquecidos.

PARABÉNS PIRACICABA PELOS SEUS 250 ANOS

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME
Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Piracicaba com retrovisor e farol de milha

Considero a cidade a maior obra de arte inspirada pelos seus habitantes.

Naquele 1° de Agosto de 1767, historicamente Antônio Correa Barbosa fincava neste solo a ideia de uma cidade, depois dos preparatórios exigidos pelos fatos.

Para qualquer ideia grandiosa, há em sua retaguarda o surgimento de uma vontade que, baseada nas potencialidades e necessidades são postas em prática pela soma dos fatores favoráveis e conseqüentemente na espera dos resultados do empreendimento carregados pelos recursos naturais, pelas coincidências, pela força e pela fé dos homens.

Da água abundante do rio, do solo fértil, da logística pluvial como via de transporte, formando o caminho do ouro somado à comunhão de decisões juntamente com o bom senso existente na época, impregnada pela vontade de muitos surge Piracicaba representada pela fé em sua realização.

Para isso foi escolhida uma “ideia semente”. Um local promissor e condições favoráveis seguidas por uma necessidade cobrando alguma coisa que deveria ser realizada, eis que a semente foi posta neste solo.

Muito carinho no caminho da germinação, crescimento e desenvolvimento deu oportunidade ao aparecimento do esboço de Piracicaba.

A cidade desde o seu nascimento é um organismo vivo que alimentada e cuidada vai sofrendo transformações e se projetando para frente à medida do que foi proposto.

Esse organismo vivo vai percorrendo a sua trajetória e como tal irá enfrentar todos os percalços que as condições lhe impõem.

Piracicaba foi se fortalecendo e no vencer das dificuldades, foi se consolidando em termos físicos, humanos, sociais, educacionais, artísticos, políticos, administrativos religiosos e comerciais.

Num dado momento, pelos avanços dos acertos em todos os setores de atividades, correspondidos pelos esforços de seus homens, que não foram poucos, essa máquina produzia a vontade de seguir adiante.

Não é preciso dizer das crises enfrentadas. No entanto, essa máquina em dados momentos se vê crescida pelas novidades tecnológicas, quando foram complementadas por retrovisor para se olhar para trás e farol de milha para se olhar para frente.

Inicialmente com a produção do açúcar, baseado em seus canaviais. Depois o surgimento da energia elétrica, trazendo conforto à população quando surgem as primeiras indústrias com a impulsão dos motores elétricos.

Assim foi se projetando com êxitos e com defeitos, mas o caminhar para frente sempre foi a regra seguida.

A política federal colocava a exigência de planos diretores das cidades quando foram projetados e realizados. Chegamos à 2006, quando a sociedade cível discutiu a “Piracicaba 2010”, apoiada por iniciativa particular, tendo ao lado uma ONG, apresentava um projeto de “Piracicaba do futuro” no foco do farol de milha dessa necessidade sob os raios de luz da “inteligência melhorada”, com a organização da discussão de Piracicaba em todos os ângulos conhecidos. Toda a sociedade participou deste trabalho sério, que foi o grande ponto positivo, com estudo de painéis das realidades daquele momento.

Assim com um olho no retrovisor da História, e outro no futuro mostrado pelo feixe de luz desse projeto, Piracicaba se firma ainda mais e avança para os dias de hoje contando com um tecido urbano de 12.000 hectares, 400.000 habitantes e um orçamento de R\$ 1.500.000.000.

Desse ponto em diante, pela interpretação de seus dirigentes a cidade se expandiu pela logística territorial, pelos

acessos as rodovias, pelo desenvolvimento industrial e urbano, mudando para um patamar de grande destaque, quando Piracicaba aparece no ranking das grandes cidades brasileiras.

Estamos diante de uma crise econômica e política, que merece reflexão, porém como em outros tempos, vamos conseguir superá-la. Chegaremos à vitória!

Parabéns Piracicaba aos 250 anos com um olho no retrovisor e o outro no futuro promissor, iluminado pelo que há de bom nos seus 400.000 cidadãos juntamente com os seus grandes nomes que a acompanham. Feliz aniversário.

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO

- O acadêmico **Evaldo Vicente** mediou uma roda de conversas sobre artes com o escritor **Cecílio Elias Netto** em parceria com o SESC e ICEN (Instituto Cecílio Elias Netto) em 12 de Julho.

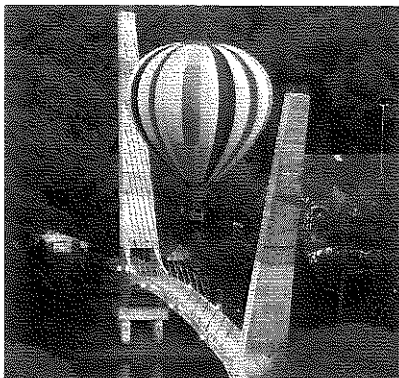


- O Dia Nacional do Escritor, 25 de Julho, foi comemorado com uma ação literária. Iniciativa dos acadêmicos **Leda Coletti, Carmen Pilotto, Lourdinha Sodero Martins, Ivana Negri, Aracy Duarte Ferrari,**

Elda Nympha Silveira, Cássio Negri e outros escritores piracicabanos, que deixaram livros em vários pontos da cidade com bilhetes explicativos do projeto Livro com Pezinhos. Quem encontrava um livro, tinha o compromisso de passá-lo adiante assim que terminasse de ler.

- As acadêmicas **Leda Coletti, Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins** e outras escritoras piracicabanas participaram da 15ª FLIP – Festa Literária de Paraty.





A acadêmica Ivana Maria França de Negri teve sua foto selecionada no concurso fotográfico em comemoração aos 250 anos de Piracicaba organizado pela ACIPI. A foto estampou a revista de número 14 da APL.

O presidente da Academia Piracicabana de Letras, Gustavo Alvim, deu entrevista no encarte especial da "Gazeta de Piracicaba" comemorativo dos 250 anos da cidade.

... 250 ANOS DE PIRACICABA 9

Um coração raptado

Aos 11 anos, Gustavo Jacques Dias Alvim chegou a Piracicaba e a cidade raptou seu coração para sempre.

O menino nasceu em São Paulo, em 1917, e veio para Piracicaba com sua família em 1928. Desde então, a cidade tornou-se o lar de Gustavo Alvim, que hoje tem 92 anos e vive em um bairro nobre da cidade. Ele conta que se apaixonou por Piracicaba desde muito jovem, especialmente pela paisagem e pelo clima.



Um coração raptado. Gustavo Alvim, presidente da Academia Piracicabana de Letras, em uma entrevista especial para a Gazeta de Piracicaba. Ele relata sua infância em São Paulo e como se apaixonou por Piracicaba ao chegar aos 11 anos. A cidade, com sua paisagem única e seu clima agradável, tornou-se o lar de Gustavo Alvim, que hoje vive em um bairro nobre da cidade.

O acadêmico Geraldo Victorino de França também foi entrevistado pelo jornal "A Gazeta de Piracicaba" no caderno especial dos 250 anos contando fatos históricos que vivenciou na cidade.

... 250 ANOS DE PIRACICABA 10

Um 'voinho' apaixonado

Gerardo Victorino França, 92, estudou, se apaixonou e conheceu seu grande amor em Piracicaba.

Gerardo Victorino França nasceu em São Paulo e veio para Piracicaba em 1928. Ele conta que se apaixonou por Piracicaba desde muito jovem, especialmente pela paisagem e pelo clima. Hoje, com 92 anos, ele vive em um bairro nobre da cidade e continua a amar Piracicaba.



Um 'voinho' apaixonado. Gerardo Victorino França, presidente da Academia Piracicabana de Letras, em uma entrevista especial para a Gazeta de Piracicaba. Ele relata sua infância em São Paulo e como se apaixonou por Piracicaba ao chegar aos 11 anos. A cidade, com sua paisagem única e seu clima agradável, tornou-se o lar de Gerardo Victorino França, que hoje vive em um bairro nobre da cidade.

- No dia 25 de agosto, aconteceu no Centro Cultural Martha Watts, o lançamento do livro infantil “Capitão Nhô Lica, o Colecionador de Pedras” de autoria da acadêmica **Ivana Maria França de Negri** com ilustrações de Ana Clara de Negri Kantovitz. O lançamento fez parte das comemorações do aniversário de Piracicaba.

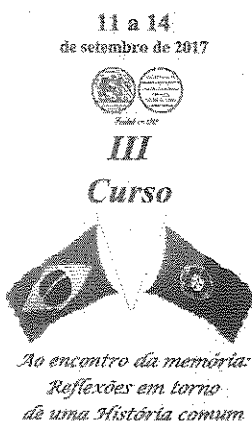


- O acadêmico **André Bueno Oliveira**, participou no dia 27 de Junho de 2017 do Juri de Seleção e Premiação do 7º Concurso MICROCONTOS DE HUMOR DE PIRACICABA. O Resultado, com a divulgação dos 3 premiados bem como dos 97 selecionados, consta no site da Biblioteca Pública Municipal “Ricardo Ferraz de Arruda Pinto”. www.biblioteca.piracicaba.sp.gov.br
- A escritora **Carla Ceres**, com o livro infanto-juvenil “Pesadelos do Destempo”, ficou em primeiro lugar no I Concurso Novo Talentos da Literatura “José Endoença Martins” 2016/2017.



Com o conto “MEMÓRIAS DE UMA CANETA”, a acadêmica **Ivana Negri** conquistou o segundo lugar no Prêmio Nacional de Literatura dos Clubes, representando o Clube de Campo de Piracicaba. A premiação inclui publicação da obra em livro e R\$ 1000.

- Em 11 de setembro, no Rio de Janeiro o acadêmico **Armando Alexandre dos Santos** foi convidado a palestrar em duas iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma feita em conjunto com a Marinha brasileira, outra feita para comemorar os laços históricos e afetivos entre Brasil e Portugal.



- Nos dias 27, 28 e 29 de Outubro realizou-se a 2ª edição da FLIPIRA, Festa Literária de Piracicaba, com participação de integrantes da Academia Piracicabana de Letras, Centro Literário de Piracicaba e Grupo Oficina Literária de Piracicaba



ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Fundada em 11 de março de 1972

Fundador: João Chiarini

Rua do Rosário, 781, CEP 13.400-183

Piracicaba – SP

Ata da Reunião da Assembleia Geral Ordinária

Aos dezesseis dias do mês de agosto de 2017, nos termos estatutários, artigos 16, letra "a", 17, § 1º, e 21. Compareceram os Membros Efetivos, à Casa do Médico, sito na Avenida Centenário, 546, na cidade de Piracicaba, SP, às 19h30min, onde foi realizada a assembleia para cerimônia de posse de 02 Membros Efetivos que passarão a preencher vagas existentes no quadro associativo, nos termos do artigo 7º, § 3º, dentre nomes já aprovados pela Diretoria, conforme artigo 10, § 2ª, do Estatuto da APL.

Foram empossados, a Sra. Raquel Delvaje e o Prefeito Barjas Negri. A acolhida e a saudação do evento foram realizadas pelo Presidente da Academia, Professor Gustavo Professor Gustavo Jacques Dias Alvim. Na sequência tivemos a execução do Hino Nacional Brasileiro. O orador convidado, Dr. Messias Galdino, explanou sobre os 250 anos de Piracicaba salientando relevantes fatos históricos. Após a apresentação de agradável número musical "Canon in Re", realizado por Pachalbel formos brindados com a explanação do Dr. Erotides Gil, Secretário Municipal de Piracicaba, representando o Acadêmico Barjas Negri, agradecendo a honraria por sua admissão como membro efetivo da mesma. A escritora Raquel Delvaje relatou sobre sua emoção ao assumir a cadeira 40 junto à Academia, cujo patrono é Estevam Ribeiro de Souza Rezende, relatando a biografia marcante do mesmo. O Senhor Presidente informou que tem se dedicado ao novo estatuto da Academia, que incluirá também a categoria de "Postulante", agradecendo aos Acadêmicos Antonio Carlos Fusatto, Waldemar Romano e João Baptista S.N. Athayde pela contribuição na estruturação do mesmo, que será apresentado em breve. Agradeceu também a dedicação da Acadêmica Aracy Duarte Ferrari no preparo dos exemplares de livros e documentos que farão parte da Biblioteca da Academia. Após, foi realizado sorteio de alguns livros aos presentes e todos seguiram para o coquetel de encerramento.

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a reunião às 21 horas e trinta minutos.

Para qual eu, 1ª Secretária, Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto, lavrei esta ata.

Piracicaba, 17 de agosto de 2017.

VOCABULÁRIO

Alumiar: dar luz, claridade, dar lume, esclarecer, ilustrar, instruir

Volateante: esvoaçante, que volveia, voltear

Voltear: volver, virar, voltear

Lirismo: poesia lírica, subjetivismo poético, entusiasmo, ardor, exaltação

Mística: estudo das coisas divinas ou espiritual, crença

Mítica: relativo ou pertencente ao mito

Crédulo: crer em tudo, ingênuo

Idílio: amor poético e suave, pequena composição poética de caráter campestre ou pastoril

Turíbulo: incensário, vaso onde se queima incenso

Fulvo: Amarelo tostado (cor do leão)

Polifonia: muitos sons, reunião de vozes ou instrumentos. Simultaneidade de várias melodias dentro de uma mesma tonalidade

Efeito óptico: miragem

Entranhado: cravado, arraigado, profundo, dedicado, devotado, que se introduziu, íntimo

Opúsculo: pequena obra escrita, acerca de qualquer assunto

Tipuana: árvore da família das fitolacáceas, dotada de flores com 4 ou 5 pétalas e fruto bacáceo ou capsular

Ó: interjeição para indicar, para chamar alguém.

Oh: interjeição que exprime: alegria, admiração, espanto, surpresa, lástima, repugnância e outras impressões vivas e súbitas.

Agradecimento

A Diretoria da APL agradece
ao acadêmico Cézario de Campos Ferrari pelo
indefectível apoio financeiro concedido que se afigura
fundamental para realização desta Revista.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS
TRIÊNIO: MAIO DE 2015 A ABRIL DE 2018

Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim
Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri
Primeira Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Segundo Secretário – Evaldo Vicente
Primeiro Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto
Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano
Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari
Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari
Walter Naime

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil
André Bueno Oliveira – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs
Antonio Carlos Fusatto – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda
Antonio Carlos Neder – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra
Aracy Duarte Ferrari – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion
Armando Alexandre dos Santos – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado
Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira nº 20 – Patrono: Benedito Evangelista da Costa
- Cezário de Campos Ferrari** – Cadeira nº 12 – Patrono: Ricardo Ferraz de Arruda Pinto
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior
- Esio Antonio Pezzato** – Cadeira nº 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra
- Evaldo Vicente** – Cadeira nº 23 – Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme** – Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello** – Acadêmico Honorário
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira nº 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira nº 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira nº 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira nº 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira nº 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira nº 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira nº 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Acadêmico Honorário (*in memoriam*)

Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – Cadeira nº 26
– Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira nº 3 – Patrono:
Luiz de Queiroz

Marisa Amábile Fillet Bueloni – Cadeira nº 32 – Patrono:
Thales Castanho de Andrade

Marly Therezinha Germano Percin – Cadeira nº 2 – Patrona:
Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira nº 9 – Patrono:
José Maria de Carvalho Ferreira

Myria Machado Botelho – Cadeira nº 24 – Patrona: Maria
Cecília Machado Bonachela

Newman Ribeiro Simões – Cadeira nº 38 – Patrono: Elias
de Melo Ayres

Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira nº 25 – Patrono: Francis-
co Lagreca

Paulo Celso Bassetti – Cadeira nº 39 – Patrono: José Luiz
Guidotti

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – Cadeira
nº 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Sílvia Regina de Oliveira – Cadeira nº 22 – Patrono: Eroti-
des de Campos

Valdiza Maria Caprânico – Cadeira nº 4 – Patrono: Haldu-
mont Nobre Ferraz

Vitor Pires Vencovsky – Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Ané-
falos

Waldemar Romano – Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de
Andrade

Walter Naime – Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz



ISSN 2177-2797



4 772177 279006

PIRACICABA



1767 - 2017